

ENTRE

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

**Homenagem a Benjamin Britten, inspirador
da segunda parte deste livro, com o sua**
Serenade for Tenor, Horn & Strings.

ENTRE

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

PRIMEIRA PARTE

PRATICAR O FAZER

A alegria de trazer até aqui este eco
repercutindo-se na inexistência
do que ainda não é, réplica deste agora
desvinculando-se da memória do presente
como me é dado viver na história
da minha contemporaneidade.

Algures a sintaxe claudica no deslize
do que irrompe na aceleração
da consciência, dizem que é tarde
demais para se intuir uma outra coisa
para o que se desprende da sensibilidade
operando nos limites da sensação.

Deixá-los dizer o que a loucura
procura encontrar na resolução tímida
perante a estrutura da realidade,
afinal uma língua é só húmida
quando encontra uma pele no corpo
que se contorce num gozo indecifrável.

Nem tudo são palavras quando a voz
se inscreve numa superfície plena
de seduções adurentes, espasmos
não são da dor a única exemplaridade,
há impulsos que se escondem em plena luz,
há luz que não esclarece nada.

Deixar a hora divagar muito devagar
em pleno êxtase do ínstase, os paradoxos
são para serem vividos no convívio
da plenitude intimista, quantas amizades
não se exteriorizaram em distância
que faziam do mundo um aperto de mão.

Abraços que se dão a todas as formas
da humanidade que transluz na brevidade
de uma vida, homens e mulheres
já foram crianças nas crianças oclusas
nos seus corpos indiferentes ao esplendor
como ao horror de se saberem carne.

Ninguém à frente, ninguém atrás,
ir é convir que não há paragem
capaz de introduzir na passagem
uma dúvida ou um delírio monstruoso.
Todos vamos pelos caminhos mais ínvios
que a oferta da sorte devolve ao acaso.

Um riso de um vazio impedido de alma
escurece o som do próprio sol, ouvir e ver
não é conceder à covardia a estadia
para uma justificação indemonstrável.
Quem aspira a sentir no olhar o clarão
de um calor que pode ser incomensurável?

Astros à deriva continuamos a passar
em pés de um tonitruante tumulto,
ninguém sonha em escapar à tranquilidade
de um nada. Pode ser a morte, pode
saber a uma injustiça, é sempre a força
do destino acariciando o minuto seguinte.

Disseram, não tenham medo! A perdição
não é uma perda nem uma queda, ir e vir
destitui a ideia de um qualquer sofrimento
que pretenda perpetrar-se no escaninho
do que ainda hoje é vivido como sinal
de uma sobrevivência em tudo inimaginável.

Há quem se agarre à imaginação da terra
como uma tábua de salvação, mas o mundo,
se não vive de uma paixão profunda
pelo que desmente de possibilidade, atordoa
todo aquele que instiga no seu sentir
a ilusão de um pensamento alcançável.

O alcance não é um preconceito da teoria
que se arvora ao estremecimento do arrepio
estético, feérico esse conceito não aceita
a tentativa de uma definição extrovertida.
Só o cansaço ou a decadência poderiam ter
como alvo a arquitectura de um momento.

Nenhum momento na sua vivacidade
e no seu viço deixará que os corruptos
intensem transformá-lo num monumento
para servir de destino festivo aos turistas
desempregados. Nenhum tempo
tem emprego, nenhuma estase é certa.

De onde se vem não se confunde
para onde se vai, começo e fim estancam
a persistência de uma tensão na dança
entre controversos domínios da memória.
Já a história não pode subsistir sem a mentira,
um ocaso na urgência da explicação inata.

Olhos perdem-se na deiscência da falta,
mas nada falta a quem possui o direito
de um jeito para viver aquém e além
do limite imposto pelas leis da cidade.
Fogos intumescentes alegram a suspeita
de que não vale de nada o vale de lágrimas.

Não se vai para nenhum fim em vista.
Avança-se sempre poreticamente em feitiços
que não podem ser investigados, onde
se colher um sítio que suporte o lugar
como uma manifestação da alucinada
e acusmática fantasia de uma fantasmagoria?

Tudo é horizonte nos limites da percepção,
nem sempre a terra permite a quem viaja
demorar-se no sentido implícito da demora.
Há uma estranheza na estupefacção do tempo,
olhar em frente não coincide muitas vezes
com o olhar que se deita de lado.

A praxis é muitas vezes uma poiesis
que se ignora ou desmente, tenhamos
a coragem de não destruir o mistério
com congeminações extemporâneas.
Ninguém exige de ninguém um nada.
Nada faz de ninguém um alguém.

É-se e não se é como a ligeireza da música
que nos abraça num estreitamento
atrevido por inusitado, deixemo-nos levar
pelos impulsos do bem, nadar nas águas
quase inaugurais como se não se soubesse
que o saber se sobrepõe ao desejo invicto.

Afinal a vida decorre no que discorre
como uma língua humana, que fazer
da humanidade que nos flagela de castigos
e de poções mais ou menos mitridáticas?
Sentir em cada sentido o que percorre
a realidade de uma presença temporária.

É o que se diz quem me diz em horas
acatalépticas da experiência o outro
que se move com a desenvoltura serena
da novidade, para quê infligir-se ao que é
a intuição que o ser nada mais é
do que o real? A vida não é viva nem letal.

Desprendida despede-se e dispensa
qualquer raciocínio do truísmo filosófico.
Quer ser apenas vivida. Não importa
como nem porquê, o que a faz mover
transcende qualquer tentativa de compreensão.
Não compreender é a única sabedoria.

Tudo o mais são azáfamas de um aqui
e de um ali, de um hoje e de um ontem,
ruídos de labirintos predispondo asas
a quem não sabe voar. Sejam todos,
em vez de Ícaros, Ulisses, naveguemos
onde as marés são insolvências benévolas.

Riso e sorriso alardeiam uma paixão
pela maravilha do que é, os olhos arregalados
regalam-se com a existência, esperam
da inexistência que irrompa como uma sereia
disposta a cantar o delírio monstruoso.
Tenhamos a sabedoria de saborear esse orgasmo.

21/1/2014

VÃO E VÊM

Não há, por mais que insinuem,
um inverno do nosso descontentamento.
Não porque não haja um inverno,
mas porque não há um «nosso».
Tudo o mais são interpretações
da realidade onde falha o real.

Homens e mulheres de um hoje
sempre duvidoso não se consentem
ser crianças de uma intuição assidente,
acidentes de destinos não permitem
que o sonho possa desiludir a verdade
do que impera como ideologia.

Resta, a quem persiste em desenvolver
a vida no espaço do tempo, observar
o que se passa em redor, diz dor
quem não sabe distinguir do sofrimento
o que irrompe como dor incoativa.
Nada a fazer a quem não sabe o que fazer.

Ei-los que vão em exercícios de labor
os seres que não dispensam o humano,
que pensarão em suas consciências
atrofiadas pelas opiniões de todos aqueles
que ousam uma opinião sobre tudo e nada?
Ou nem sequer terão ouvidos?

A vida não é cruel nem fácil, é apenas vida.
Não é preciso ser-se muito inteligente
para se chegar a essa conclusão.
Mas não se pode contar com a vida
para se resolver os problemas que assaltam
o quotidiano dos que vão e vêm.

O movimento só faz sentido se não for
em círculo, dizem alguns. Eu acredito.
Só o avanço traz uma frente, transporta
de trás os desejos de uma melhoria
tão concreta que nem a abstracção
será capaz de destruir um outro mundo.

Não há, para além do que há, um mundo
que possa ser outro ou vivido, dizem.
Eu acredito. Os que vão e vêm dos labores
que os acorrentam a uma escravidão
que não se traduz pela sua assunção,
em que acreditam? Que o melhor está para vir?

A ilusão é a outra face do real. Não é,
como muitos pensam, o seu contraponto.
Haver não se contenta com o haver.
Dispersas à ociosidade dos negócios
históricos, as gentes fazem cálculos
em meticulosos desgastes da esperança.

Quem sou eu para dar conselhos? Quem,
de mim que sofre tantas vezes o que goza,
teria a coragem para se dirigir aos sofredores
apontando-lhes uma aurora intumescida?
Só há auroras e crepúsculos para aqueles
que avançam em sendas tolhidas de obstáculos.

Não é a vida que prende as mãos das gentes
em amarras insofismáveis, será a cegueira?
Será o sol, esse desperdício da amizade?
Será uma nostalgia sem fundamentos?
O mundo emudece perante a inoperância
dos que não sabem ser mundo.

A riqueza á uma verdade tão mítica
que todos aspiram a saboreá-la em sorteios
da sorte, mas o azar não possui cálculos
nem tabelas, é um acaso onde a vida explora
todos aqueles que pensam fintar a vida.
Só as mãos fazem do animal um saber.

É o que dizem. Acredito? Às vezes uma suspeita
suspende-se no infinito limite do pensamento,
errar não é um delito, sentir não é um crime,
e no entanto é perceptível a tentativa
de elevação a termos de inexistências
que pairam ctónicas na intuição abstrusa.

Seria possível uma outra coisa na coisa
que hoje é possível? Um ser humano
terá que ser sempre um ser na desumanidade
do que evolve à volta num turbilhão nocente?
Indecente a pergunta envergonha-se
de ser formulada de uma maneira tão infeliz.

Às vezes qualquer coisa acontece na nudez
da sensibilidade, o quê? A mudez nunca falou
ou disse o quer que seja. Às vezes, no carinho
de um escaninho desconhecido ou ignorado
sente-se como um eflúvio o aparecimento
do indecifrável, um indelével inefável.

Que quererá dizer o que nada diz?
Que presença é esta que respira na ausência
do que é? Será uma forma da loucura?
E essa loucura terá cura? Quem procura o meio
encontra muitas vezes um fim, o precipício.
Nunca adivinha o que é um começo.

A língua das populações desprovidas
é um enigma tão real que abordá-la
como se nada fosse até parece um azo
que não se justifica. A justiça dilui-se
nos acontecimentos que se sucedem breves
todos os dias e a todas as horas.

Dizem, e a experiência? Pergunta-se, de quê?
A experiência da experiência, sussurra
ao ouvido o malfadado clamor do destino.
Um sorriso de quem não compreende perfaz
a incompletude de um pensamento
que nem se extrapola em argumentações.

Ilusões, ilusões, conclama a chama
de uma idiossincrasia caseira, por lá passou
o que teve de passar, idades transpostas
em memórias que não solidificaram
o tempo em depravações da história comum.
Comum de mim sempre quis a comunidade.

Ei-los que vão e vêm, os contemporâneos,
históricos anonimatos preenchendo tarefas
que nem são do absoluto, mas apenas
do capital que se arvora em caminho exacto.
Não há pegadas nos asfaltos das cidades
civilizadas, apenas acertos da domesticação.

Escravos de nós mesmos julgamos que somos
escravos do outro, do patrão, do conselho
administrativo, da corporação mais ou menos
bancária. Que fizemos para destruir
o que nos consome como uma ferida?
Nada. Preferimos da impotência o servilismo.

Um calor quase letífero afaga-me e afoga-se
no meu rosto empobrecido pela vileza
consentida. Quantas e quantas vezes
não me saltou à consciência esmorecida
a frase obsessiva, se eu fosse um exército,
se eu fosse a humanidade. Não fui, não sou.

Vejo apenas passarem os que passam,
amor, dos meus anos despedido, vejo
tonitruantes gritos de quem nem grita.
A solidão não é um sentimento. É um caso
sociológico. Também eu passei em ruas
que nada me diziam, em ruas cruéis.

Só há senhores porque há escravos.
É um quase truísmo. Só há senhores
porque há escravos. Não os vejo passar
à frente da minha porta, mas passam.
Aço para todo o canhão que se esconde
em negociatas disto ou daquilo.

Como me contentar com o que foi e é
na distância do que poderia ter sido?
O descontentamento não escolhe estações,
estacionado no mundo como o conhecemos
até parece natural alimentar-se do real.
Irreal perfilo-me homem sem conteúdo.

Poderá haver alegria onde impera a tristeza?
Que vontade não desdenha do voluntarismo?
Aceitar o que é como se nada fosse?
Este «como se» arde na intempestiva noção
de um menos que conceito, é um estigma
queimando qualquer imposição do paradigma.

Há avanços, talvez, que sejam círculos.
Elipses não são só eclipses, podem advir
hélices propalando experiências de vida,
fogosas metamorfoses de um volante
que revoluteia na imensidão de um futuro.
Há furos que irrompem na aporia.

Espelhos lançam ao sol reflexos terrestres
de outros sóis, urdiduras de artimanhas
nas malhas do insólito, será suficiente
desejar-se um bem? Que nos falha, ó nada?
Quem nos impede de sermos mais?
Que mais se perde na vergonha do menos?

Há uma alegria algures feita de corpo
e de eclosão, um contentamento epulótico,
uma manifestação brejeira de se estar a ser.
O ser pode ser uma invenção, e depois?
Não precisamos de nos inventar todos os dias?
De nos fazermos, finalmente, companhia?

22/1/2014

REPETIÇÕES DE CITAÇÕES ABUSIVAS

Quantas vezes escrevi, não falo do ser,
mas da passagem? Não da passagem
de um período a um outro, de uma época
da vida a uma outra, mas do dia a dia,
de cada breve minuto que sobrevém
na ignorância do que é uma realidade.

A escrita como a concebo deve testemunhar
as mínimas variações do pensar e do sentir.
E ser sensível às mais pequenas coisas
que a vida nos oferece como se nada fosse.
Quantas vezes o disse, incompreendido
ou mal lido, não corrijo o que escrevo.

Meu fito foi e é apresentar as divagações
das tonalidades afectivas e perceptivas
no momento da sua eclosão. Os porismas
fazem apelo, directa ou indirectamente,
a outros porismas explicitados nos livros
que desbordam de mim como errâncias.

Muitas vezes contradizendo-se,
ou simplesmente aferindo divergências.
Cada actualização ocasional de um sentir
ou de um pensamento ou de uma intuição
expõe uma estranheza consuetudinária
com as suas primeiras manifestações.

Como se nos fosse até difícil reconhecer
que um escrito, uma vez expresso,
tivesse saído das nossas mãos curiosas.
O tempo contém os seus segredos,
a experiência do homem não os tem menos.
Tempo e espaço são emoções transientes.

Não preciso da metafísica para aceitar a experiência da escrita como variações do confronto com o real, nem desminto o papel do acaso na invenção perpétua que propaga a porética em avanços que só findarão no arremesso do fim.

De mim, ou da obra em que me faço eu. Engendrar qualquer coisa como escrita advém da imprevisibilidade adstrita que nos impede de fazer coincidir o ser com um qualquer sentido. O sentido nada mais é do que um acto incerto.

Nada nos pode conceder a verdade, as verdades são eclosões do momento. O momento vivido frágil linguagem depende de tudo o que nos cerca. O pensamento não brota de um passado, erige-se como uma memória do presente.

Os porismas datados designam a ordem de uma prática contínua, um critério interno ao encadeamento dos eventos. A escrita porética é dialógica, inscreve-se no livro como relações de experiências com experiências, de toques com toques.

De abraços do que foi com o que é. Nada mais erótico do que a contingência. A porética não é uma autobiografia que se desconhece, antes tira partido da descoincidência entre o que é e o que poderia ou poderá ser ou não ser.

Escrever, essa praxis transformando-se inexoravelmente em escrito ou rastro, esse resíduo que fica depois do feito e do facto, não tem como fim a descoberta da verdade ou do conhecimento, procura apenas a afirmação da sua liberdade.

Esse movimento singular e imperfeito tem a possibilidade de se diversificar infinitamente, valendo por si próprio. Livre, a escrita esquia-se das estéticas totalitárias e das doutrinas impostas, evitando assim o perigo da paragem.

24/1/2014

CONGEMINAÇÕES

Daí que o daí faça, quando faz,
algum sentido. Insentido embora.
Uma alegria escancarada embeleza
a digressão pelo que chamam
muitas vezes de loucura, a loucura
é a impotência dos covardes.

Abro as mãos como se nelas
houvesse um mundo desconhecido,
só há linhas, de força ou de fuga?
Reconheço as feridas vindas
de experiências passadas, esqueci
o passado que não deseja o presente.

Não há oferta nem sabedoria
no tempo volvido como memória,
só há, às vezes, fantasmas deléveis
ousando auferir de uma consolação
que lhes é impossível. A língua
não averba nenhum regresso atrás.

A emoção, sentir, sentir que se sente
quando o desconhecido se faz
presente, de onde se veio, para onde
se irá? Disse-se, do nada ao nada
é a viagem pelos caminhos
mais dispersos da humanidade.

Humanidade é o que falta tantas vezes
à humanidade. Vive-se sempre
na perda de uma perdição saudável,
que caminho tomar, que palavra
dizer diante do que nos consente
como vida? O acaso ignora o destino.

Obsessões deflagram no mericismo
de ideias quase intelectuais,
ver poderá alguma vez deixar
de ser uma qualquer ideologia?
Que ilusão se pensa liberdade?
E porquê? Com que razões plausíveis?

Diz-me ele, desculpa lá, mas isso
não é poesia. Quem disse que era?
Que sabes tu de um isso? Diz-me,
o que é a poesia? Arfa o silêncio.
Será essa a resposta? Há algo
algures que se julga consciência.

Das gentes? O desejo tão grande
de abraçar num remorso sadio
as pessoas que passam pela história,
mas que ciência ousaria prever
uma ocorrência do diáfano acaso?
Um preconceito é um conceito prévio?

Predestinado? Onde estão os homens
e as mulheres e as crianças de hoje?
Em que mundo vivem? Nas palmas
das minhas mãos? Impossível.
Nas mãos espalmadas vejo vestígios
de acontecimentos, não presenças.

Que ausência encobre os homens
e as mulheres e as crianças de hoje?
Ninguém responde. Ninguém
responde a ninguém. Ninguém
responde por ninguém. Ao facto,
chamam-lhe ainda liberdade.

Fecho as mãos até se tornarem
punhos, que força prodigalizo?
Nenhuma. A vida decorre
no que passa por ser vida, deste
ou daquele, como se fosse natural
haver estes e aqueles aqui, algures.

Não é. A natureza vive de outras
leis, ignora de todo o que é homem
ou mulher ou criança, passa
indiferente à vida de quem passa
como se uma personificação
não temesse o riso dos demais.

Risos em pleno dia, ouço-os,
dos adolescentes que se espevitam
em recreios ocasionais. Terei
a coragem para me levantar e ir
até à janela? Não é necessário.
Inútil o esforço. Eu sei o que veria.

Saber o que se veria, o que se poderá
saber que se irá ver de antemão
significa apenas que o mundo
não muda, mudo de substância
e de desconhecidas possibilidades.
Surdo às injunções do sofrimento.

Mas o mundo muda, diz-me alguém,
todos os dias, a todas as horas.
Acontecimentos que podem ser
paralisados em imagens definidas
pela melhor técnica da idade
que se vive testemunham dessa verdade.

Estranha verdade, a dessas imagens.
Só uma catástrofe ou um desastre
atrairia as imagens a este recreio
de uma escola perdida na ideia
que se faz do que é a educação.
Que mudaria do mundo? Nada.

Minhas mãos, abertas ou fechadas,
nunca souberam fazer-se mundo.
Como as mãos desses homens
e dessas mulheres e dessas crianças
nunca saberão fazer um mundo.
Mas nenhuma certeza é certa.

Fazer um mundo é muito mais
do que emundar a terra.
É trazer no corpo o desejo
de qualquer coisa, de uma coisa
que não coincida com o prazer
ou a dor do hábito onde se habita.

Não é mundo ou futuro quem quer.
Algo nos ultrapassa na ilusão
de que não é preciso fazer nada
para que o nada do que é possa ser
mais do que nada. A vida
esconde-se na sobrevivência.

Não é um facto consumado,
verdade, mas, e se nunca se consumir
como facto? Um sol quase obscuro
irrompe no céu enublado,
para quê tanta congeminação?
Gozá-lo! Gozá-lo! A janela apela.

Nuvens deslizam para sul
em migrações incompreensíveis,
deixam agora, num desleixo
quase humano, passar a luz do sol
que me toca no rosto hiemal.
Este calor, senti-lo na carne.

Esta carne que não reconhece
o corpo nem como palavra
nem como coisa, esta carne sabe,
suspeita, talvez inconscientemente,
que, mais dia menos dia, o sol
não terá nenhuma razão de ser.

O recreio não está completamente
vazio. Um par de jovens, rapaz
e rapariga, atrás de um dos edifícios,
abraçados numa contorção
feérica, arremessam língua
contra língua em bocas mádidas.

Não há idade para se aprender.
Há este paradoxo sem contradição
palpável. O atrás em que estão
corresponde à frente desta janela.
O que é o real? O que é a verdade?
Perguntas abissais e sem resposta.

O que resta do mundo são restos
de ideias paradoxais exploradas
pela loucura humana, o que resta
do sol é a esperança de que mais
tarde ou mais cedo reaparecerá
novamente no céu como um sol.

Solidão terrível, a do universo.
Solidão terrível, a da humanidade.
Que talvez não exista. E seja só
uma ideia louca transposta
pelo desejo de uma generalidade.
Haverá um sol no pensamento?

Medido pela meditação perco
pouco a pouco a ideia do que estava
a fazer, estava a fazer alguma coisa?
Ah, sim, escrevia. Escrevia
que escrevia e que pensava
sentir com isso uma alegria breve.

Estou a sentir a alegria. Talvez
estúpida, mas mesmo assim alegre.
Estar vivo merece de quem
quer que seja uma tautologia,
onde encontrá-la, para onde
encaminhá-la? Eu sou eu.

Abrir caminho, ouço-me dizer,
abrir caminho onde não há
caminho nem direcção, mas isso
importa? Avançar, avançar, sempre
em frente, indo, indo no enleio
de que ir é mais do que caminhar.

Sendas que desbravei, onde estão?
Não as vejo em parte alguma.
E no entanto houve um outrora.
Por que não demorou essa demora?
Tudo é passagem, haja ou não
mudança. Mesmo do mundo. Muda.

Vozes que proferi, onde estão?
Passos que dei na terra incontestável,
onde as pegadas? Nada. Oh, sim,
algumas palavras arremessadas
para páginas em branco perfilam-se
em livros que nunca foram lidos.

Tê-las escrito em papéis da urgência
é como se não tivesse vivido,
é como se estivesse toda a vida
atarefado em saber o que era a vida,
incapaz talvez de sê-la
por não sabê-la ou reconhecê-la.

Não tenhamos ilusões. Vivi. Sim,
vivi. Sobreviver também é viver.
Deve-se fazer a diferença?
Para quê? Já não basta o sofrimento
de quem, humano, nunca se sentiu
humano, falho dessa oportunidade?

De que serve acusar a humanidade
de ser só humanidade? O bem
e o mal até convêm para que haja
uma certa ordem na terra.
Um certo equilíbrio. Só há pobres
porque há ricos. O laço é real.

O sentido de tudo como do nada
é uma quimera, um delírio,
uma falsidade da bondade piedosa.
As gentes são o que são.
A história é uma memória
mal vivida, mal contada.

Bem contada seria memória?
Só a memória do presente cede
ao futuro uma história verdadeira.
Tudo o mais é imaginação feraz,
facúndia de quem escreve
pensando transcender a hora.

24/1/2014

UMA ATMOSFERA

Não é bem uma indisposição,
é uma atmosfera que pretende entrar na esfera
das minhas sensações como se houvesse um direito,
algures, para se poder fazer sofrer o outro.
O outro sou eu. Sempre fui eu
em qualquer parte do mundo que foi.

Os olhos cansados de tanto cinzento
cinzelam-se nas incorruptíveis metamorfoses
do que se denomina de nublado,
que sol me abandona nestes dias toldados
por uma ausência que nem sequer é filosófica?
Onde estou? Em que real existência?

Desmesurado espero que, mais dia menos dia,
o brilho do sol irrompa na consciência
perdida em deambulações exangues,
que fazer para trazer até mim um resquício
que seja da alegria que me dá alento?
Sol e alegria não soletram agora nenhum amor.

Sobreviverei? Que se passa lá fora?
Aqui só há palavras de uma língua amena,
poderei por muito tempo me proteger da aflição
que toma meu corpo em arrosos de uma perda?
Dizem que perda e perdição são duas coisas
diferentes, não acho nenhuma diferença.

Não achar é um sério problema.
Concutido pela culminação do que acontece
teço-me de subterfúgios para enganar a hora,
consequirei? Escrever é um remédio?
Mitigado pelas doses mitridáticas que o real
me impõe procuro apenas um porto epulótico.

Já fui Ulisses na mitologia pessoal,
já fui Prometeu não prometendo mais
do que o mais de uma ousadia,
sempre me senti Moisés às portas de um futuro
que advindo não me reconhece como chave.
Ulisses, Prometeu e Moisés são ilusões.

O céu cinzento não expele, redundante,
cinzas amorfas sobre a terra onde se vive,
que mistério é o gesto da catacrese
para me catapultar a dimensões inexauríveis
do que nem sequer pode advir sonho
de qualquer coisa que subsista no tempo?

Indisposto o espaço que me envolve de ecos
siderados pelos sibilos da inclemência,
abrigo-me nos solecismos que a língua oferece,
ciente de que algures um refúgio
também poderá ser mundo, e mundo
se abrirá numa convulsão de apaziguamentos.

Pode-se lutar contra quase tudo,
não se pode esboçar uma batalha diante
de um exército que se desdobra num manto
em que nem se pode distinguir das nuvens
as nuvens que revestem a terra de lassidão.
Deitar-me na cama e tentar dormir será a solução?

Não sou criança e no entanto sinto em mim,
dentro e fora, uma criança atónita e estupefacta,
incapaz de brincar, incapaz de jogar
com as vicissitudes do tempo atmosférico.
Uns olhos despedaçados pela crueldade
do real vão e vêm do que não podem ver.

Se houvesse algures uma imaginação salvadora,
penso, se pudesse acalentar uma fantasia
que me libertasse do peso do que é,
mas não, a poalha que cai em cadências
esvoaçadas continua líquida
como se fosse natural ainda haver natureza.

Melhor descer pé ante pé até uma fundura
do que se consente como possibilidade,
melhor afundar-me num esquecimento
que me traga algum alívio, mas onde a passagem
para um horizonte que não fosse exportado
para fora deste apartamento introvertido?

Avanço, sei que avanço, serei tempo?
Ou é o tempo que me transporta hora a hora
pelos dédalos da incompreensão?
Sentir a incomensurável solidão da presença
é como admitir que na ausência do que é
nenhum nada poderá sobreviver ao pensamento.

Sensibilidade atroz trucidando um corpo,
destruindo os laços que governam os escaninhos
da memória, se pudesse ser o que não sou
numa outra disposição das coisas,
incomensurável esplendor do sofrimento
que de humano só recolhe o grito do desespero.

Que fazer deste dia, desta manhã, da tarde
que virá eivada de predisposições para sentir
a beleza de tudo quanto existe como uma luz?
Quais as tarefas? As alienações? As azáfamas?
Trabalhar poderá desmerecer, talvez, a tortura
de onde eclodiu quando a língua era incoativa.

Passar o dia a escrever sobre esta tela
quase cinematográfica levar-me-ia a conceber
o cansaço como uma tentativa de suicídio,
ainda não cheguei a esse ponto de chegada.
O movimento desprende-se da nomenclatura
das coisas e despenha-se no abismo da estase.

Terá algum futuro o que aqui se experimenta?
Haverá vida para o que desmente a vida?
Sobrevive-se na subvivência mais angustiante,
terei que comer amanhã? Haverá uma noite
no fim do dia? Haverá uma manhã
no amanhã das concomitâncias incertas?

E sol? Haverá sol amanhã? E no dia seguinte?
Que serei eu sem as baterias anímicas?
Um frangalho? Um desperdício? Uma morte?
O real é de uma crueldade inexcedível.
Não porque seja um excesso,
mas porque excede todas as expectativas.

Fulgores amantes são por vezes nitecências,
enleios de um brilho que se reflecte no céu azul
e limpo de paisagens cósmicas, meus pais,
os verdadeiros, nunca foram filhos de ninguém,
talvez por isso me sinta alguém na dor
que se desvela como uma exteriorização do ser.

Ser ou não ser, viver ou não viver.
Erra na língua uma sensibilidade destituída.
Onde os afluxos e os fluxos, as passagens
divulgando aquis e alis, os caminhos abertos
com a força de uma intromissão humana,
divagações de uma verdade querida essencial?

A verdade multiplica-se em verdades,
plurais metamorfoses de conceitos irrompidos
na ignorância da civilização ocidental,
a minha verdade, a tua verdade, a verdade dele
ou deles, sinais de uma reverberação,
aspirações a uma justiça que ate os homens.

Eis-nos nós de nós que evoluem pelas teorias
que deflagram no clangor tonitruante
do que não se atreve a ser um caos, explosões
não são alimentação para toda a gente,
as gentes, se as conheço minimamente,
nada mais desejam do que viver em paz.

Não se vai para onde se vai da ambição
de um ir que se desprendesse do passado,
passado o delírio e o entusiasmo de um feito
nada mais resta que a escravidão
de formas de vida enformadas do disforme
cataclismo em muitos sentidos ctónico.

Só mais um passo, só mais um passo.
Nenhuma voz, lúcida ou feroz, fere de temor
ou de insinuações, a portada está a dois passos,
o cinzento indisposto consigo mesmo
materializa-se numa massa compacta,
a luz que entra no quarto infiltra-se nesta tela.

Miragens. Um deserto húmido
não deseja ser mádido, compreende-se,
quando a unicidade é uma temperatura
de equívocos sentimentais,
aventura de mal-entendidos sussurrados
aos ouvidos das percussões sonoras.

As palavras distendem-se em sonoridades
bem-vindas, não se poder formar com elas
casulos que nos protegessem das janelas
quando a atmosfera persiste em fazer sofrer
e não desiste de permanecer
como se fosse seu direito ter uma existência.

Respeitemos o inevitável.
Só o realismo poderá moldar a libertação,
tudo o mais são vozes demagógicas
eclodindo nos meios de propaganda.
O mal propaga-se na invisibilidade
em que prospera, essa outra atmosfera.

Não há fuga em frente nem regresso atrás.
Traz o acaso este manto que desconhece de todo
o que se entende por diáfano, que fazer?
Conviver com o que é talvez seja o acto lúcido
por excelência, sofrendo-se cada minuto
que passa. Há momentos que não são instantes.

28/1/2014

OU MELHOR

Impreciso e inalcançável como só poderia ser
um homem, ouço a indecisa sonoridade
dos Vondelpark questionando a realidade
deste momento entregue a uma experiência
tão fugaz que jaz no que se escreve
a estupefacção por haver ainda uma vida.

Um sol anelante percorre lentamente
o azul de um céu atravessado de plenitudes
brancas, nuvens são os nomes que se deram
ao que se dão ao olhar curioso.
Ver é ouvir, ouvir é ver. Cada som toca o real
como uma porosidade advindo nuvem.

“Seabed” não deixa de ser um bom título.
Aceito-o como quando me apetece aceitar tudo,
afinal a beleza existe e não é um pecado
nas éticas que certas estéticas proclamam a olhos
vistos.
E ouvidos. Um prazer, sentir este sol neste som,
sentir como um corpo a quentura do sol.

Há tanta música que desconhece a música!
Estas nuvens que deslizam no tempo
de uma melodia nunca alcançarão o fervor do sol,
passam sedosas e tumefactas na culminação
de uma cor toldada por um branco impreciso.
Que quis dizer com o que acabo de escrever?

Não faço a mínima ideia, diria a língua de todos
os que sabem usar esta língua.
Mas esta luminosidade no interior do quarto
não é um mundo de perfeições abstractas,
é qualquer coisa que a todo o instante
muda nas peripécias de que é feita e desfeita.

Uma voz sobrenada as harmonias do que ouço,
imagens de sereias introduzem-se na minha cabeça.
Que inteligência é esta? O que é uma percepção?
A sensação de um aquático equilíbrio
quase me faz baleia, mamífero de mim mesmo
ousando pressentir o que já foi sentido.

O casario desmembra-se em edifícios.
Em frente as cores de fachadas periclitantes
assumem uma sensibilidade que não é própria
das coisas, estarei num outro mundo?
Como, se só há este mundo? Fecho os olhos,
abro os olhos, o real, dizem-me os meus ouvidos.

De vez em quando há músicas que se inauguram
na presença de um sentimento inexpressivo
e inexprimível, um gozo este denodo
da expressão impressionante e impressionável
que nada mais procura que a cura
para os males que infestam a consciência.

Outrora, estúpido, diria, estou miraculado.
As asneiras que se sussurram em horas desfibradas
pela dor do sofrimento! Agora desejo apenas
que o que passa por música e por sol
perdure mais alguns minutos, a serenidade
é uma mão acariciando uma inefável fisicalidade.

Corpo a corpo aqui estou, homem de todos os dias
sem pretensões a artes maiores ou menores.
Fala-se de San Diego no que se canta,
uma súbita memória precipita-se, lá estive,
lá estive, mais de uma vez, e um sorriso
desprovido de qualquer nostalgia aceita o repto.

Precipito-me, dando meia volta no quarto
inflamado de uma irrealidade insustentável,
para o computador. “California Analog Dream”
é o nome do que perpassa, só poderia ser,
digo a mim mesmo, certo de que há um mim
e um mesmo, mesmo que pareça impossível.

Mas a portada atrai-me como se algures na luz
do sol houvesse uma luminosidade só minha,
ilusões são sonhos análogos às canções
que estou a ouvir. Uma gaivota extemporânea
surge em devaneios de voos descapitalizados,
que seria de mim sem uma catacrese?

Voa solitária em evoluções de fantasias,
como explicar a sua presença tão longe do mar?
Estar a ouvir o que estou a ouvir, este “Seabed”,
não justifica nada, nada prova no contexto
intempestivo desta realidade que sucede
de momento a momento como uma viagem.

Mas há coincidências, acasos, não haja dúvidas.
Sorrio como se fosse alegre a alegria
que estou demoradamente a sentir,
às vezes até o insentido de tudo o que é ser
parece fazer algum sentido. O contrassenso
só existe nas lógicas dos velhos conhecimentos.

Voa a gaivota em elípticas transformações
do espaço adurente, o mistério assoma
sem o «como se» que galvanizou tanta percuciência
da imaginação humana na ficção inusitada
do que poderia ser. Aceito o derrame
dos sentidos como uma predisposição breve.

Para fazer feliz a hora que agora perpassa
sinto que tenho que admitir um acontecimento
no seio desta escrita, acontece, porém,
que a música emudeceu, um silêncio aracnídeo
deixa-me envolto em repercussões
que não diviso como necessárias ou fatídicas.

Onde estive do que estarei? Ou melhor,
onde estarei do que estive? Incapaz de ver
uma resposta no horizonte do pensamento
procuro na intuição uma experiência.
Que me diz o que não sei se existe?
Que me diz a existência do que não sei?

A ignorância é um enigma sem oráculo.
O silêncio não eliminou o sol nem as nuvens
que se dirigem para leste, esse oriente
das desorientações tacitífluas e hilariantes
que se contrapõem ao ocaso de civilizações
que sucumbem no mar das lamentações.

Passei tempo no tempo, único e despercebido
no singular mimetismo da opacidade anônima.
Entre o silêncio e a música, plena voz,
dediquei ao mundo plurais manifestações
da contemporaneidade, logros e crueldades,
solicitações de um amor quase humano.

Desfigurei-me para figurar um rosto plausível
na emoção da estesia, abri as palavras
para poder ouvir a música que elas ciciavam
ao ouvido curioso. Senti muitas vezes
a odisseia que traziam nas suas malhas,
mundos passados exigindo ser novo mundo.

Assente no chão da terra compulsei livros
que apontavam para sóis que já tinham sido,
uma infinita piedade adoçava-me o coração,
se pudesse trazer novamente ao céu
esses revérberos de existências desaparecidas,
povos que tinham povoado esta mesma terra.

Tentei. A tentação foi tão abissal
que muitas vezes me perdi em caminhos
que não levavam a nada. Haverá,
porém, outros caminhos? O fim é sempre um fim,
para quê crer ou fazer de conta que há mais
do que essa destinação sem destino?

Não há um longe sem um perto.
Há momentos que nos catapultam para lugares
desconhecidos ou incompreensíveis,
tão longe da terra que o próprio sol fica aflito
por não perceber em que órbita se habita.
Habita-se sempre esta terra, e para sempre.

Pouco a pouco o volume das nuvens ligeiras
adensa-se numa impenetrável massa,
desaparece o sol sem que deixe de existir,
algures no céu, algures em quem se é,
uma ausência temporária, mesmo se vulnífica.
Impreciso futuro de um estar imperecível.

30/1/2014

A VOZ HUMANA

Nunca não ter nada para dizer me foi tão caro!
Sinto como um alívio o desejo de ser
o que não sei se sou,
um homem algures na terra
povoada pelas mais diversas populações
que conseguiram sobreviver à passagem do tempo.

Mas a memória procura pregar-me partidas.
Do presente que é tenta enviar-me para passados
como se houvesse no corpo um espírito,
exigências que não compreendo
nem como chamamentos do inexistente
nem como provocações da nostalgia.

O que não existe é só futuro.
O que foi esvaiu-se em esquecimentos
que me permitiram abrir caminhos no acaso
da vida. Mas sinto, agora, que o esquecimento
tem as suas estratégias e a sua vontade de poder
para se impor enquanto necessidade.

Não é na vigília, que mantenho vigilante,
que essas imagens de um outrora quase mítico
surgem em apoplexias de circunstâncias,
são os sonhos que me impingem
distorcidas eclosões do que talvez tenham sido
experiências de ocorrências desaparecidas.

Apetece-me pois, em sintaxes convolutas,
dizer, se for possível, o que não pode ser dito,
percalços sem substância, alegorias de formas
que saltam do ramerrão para elucidar
de inteligência o interesse intuitivo do presente.
O que nada tenho para dizer diz-se e diz-me.

Leio o mundo no que me serve de redor.
A casa está no seu lugar, os lugares vão mudando
imperceptivelmente cada dia que passa.
Passo como se houvesse em mim uma sabedoria
que sei não possuir nem almejar.
Ilusões são doenças para toda a vida.

Desejo a saúde. Do sofrimento já me bastou ter
que assumir no eu que sou um sujeito
sujeito às maiores desavenças das intempéries,
naufrágios em que apenas sobrevivi
para ficar com a impressão de que viver
não tinha mundo nem qualquer relevância.

Desejo o sol. Todos os dias. Mas os dias
falham nas suas atmosferas arbitrárias,
aleatórias manifestações de manifestas realidades
coarctando a tentativa de se ser a alegria.
Que diz este surrado palimpsesto da existência?
Que traz em si que não seja só um si?

Tão bom não se compreender o incompreensível!
Deixar o mundo ser o que tiver de ser,
procurando em acções práticas fugir do mal
que absorve as faculdades obsessivas de gerações
incapazes de se decidirem na escolha
de uma via. Abrir caminho é uma prática solitária.

Abro-o todos os dias como se nada fosse.
Agora isto a fazer, agora aquilo a dizer,
sozinho ou acompanhado, mas sempre perplexo
por sentir que não estou muito bem a compreender
a complexidade de tudo o que perpassa
num anseio de advir acontecimento ou história.

Ouço os que falam, de longe ou de perto,
maravilhado por sentir um greguíssimo «thauma»
diante de cada voz que profere uma convicção,
um argumento, uma opinião, uma verdade.
Tudo me intriga no que dizem, tudo me instiga
a ouvir como se nos sons houvesse palavras.

Reconheço-as como se fossem minhas,
não alcanço porém o sentido quase preciso
do que lhes obrigam a desvelar.
O mundo é coisa estranha, aparece e desaparece
com o mesmo à-vontade do capricho.
Um enigma no paradigma da imanência.

O amor que sinto pela voz humana!
O desejo de língua pela experiência dos outros,
nunca fui um outro para quem fui,
sou e serei sempre dois ouvidos dirigidos
tanto ao cosmos como ao caos,
o prazer de conviver com o que se acha ser.

Acho-me numa encruzilhada sem caminhos,
no porético desvio de uma angústia
que solapou os alicerces da esperança,
regressar atrás ou ir em frente?
Vozes chamam-me como se houvesse havido
um desmedido desenlace da possibilidade.

Acordo e adormeço sem medir as consequências
do que faço, teria ou terei uma alternativa?
Nada dito no que se escreve sobre esta luz
cinematográfica, o movimento é das palavras
que se extravasam procurando sair de mim
como se trouxesse a peste nas minhas entranhas.

Mas sou apenas um homem.
Fraco, imbecil, envelhecido. Envelhecido,
é o eco que deflagra como uma inóspita demora.
Chegou a hora? De quê? A morte não pode ser
esta saída compulsiva dos vocábulos amados,
será que me perdi no que achei de novo?

Será que faço demasiadas perguntas?
Nunca ter criado um mundo deixa-me imundo
numa sujidade porosa e depressiva?
Deveria, se pudesse, ter finto o real
para nele criar uma realidade que fosse habitável?
Que incapacidade me foi tão negativa?

Se o mundo me foi cruel, como foi,
por que razão não ter tecido um casulo
na impropriedade das coisas que fazem o mundo?
Por estupidez? Por orgulho? Por desafio?
Resistir à ilusão, se não foi a palavra de ordem
foi um imperativo que me propus.

Sair deste atoleiro, digo agora, sair daqui,
esta fala não adquire nenhuma voz, nem uma voz
consentiria desterrar-se deste corpo convulso.
Avulso nos meus pensamentos falhos
falho o propósito de não dizer nada no dizer
que acalento como uma bóia de perdição.

Perde-te, perde-te, sussurra a canção quotidiana.
Quem me fala? Quem se atreve a intrometer-se
na vida que penso que é minha?
Olho para todos os lados com um carinho
que me é insuportável, terei que amar o amor
sem uma substância, sem um roubo?

Uns lábios desdobram-se num sorriso sorrelfo,
que assombro neste clima, nesta clareira?
Mas não há nenhuma clareira,
nenhuma encruzilhada, só há o avanço
paulatino no caminho que traço com os pés
pisando um chão tão sólido como uma pedra.

Aceita o regresso ao volvido, ciciam os fantasmas
do passado em doces cânticos, vive a tua morte
como um voltar atrás da tua vida,
volta ao que foi, volta teu ouvido para o olvido
e ouve o que houve em acontecimentos
que te selaram ao selo eternamente eterno.

Onde está meu pai? Respondo perguntando.
Morto. Onde está minha mãe? Morta.
O passado já passei. Para quê alçar na memória
as cenas e os factos, as causas e os efeitos?
Não preciso de ser pai de mim mesmo.
Mesmo se precisei de um pai e de uma mãe.

Para ser quem sou atravesso-me de vida,
vivida e imaginada. Amei. Odiei.
Não me interessa acalentar vícios do possível,
do que poderia ter feito, do que poderia ter sido.
Nada fiz e nada sou. Para onde vou
não interessam os itinerários nem as intenções.

Esbarro no que narro? Talvez. O presente, aqui
e agora, dá-me a memória do que está a acontecer,
escrevo sem saber onde houve uma partida,
onde haverá uma chegada, mas sei que chegarei.
E essa certeza não é amarga. A natureza
saberá fazer de mim uma natureza humana.

Não, não chorarei uma lágrima por quem não serei. Ser nunca foi uma exigência da minha parte. Apareci, desaparecerei. Tudo resplandece de tudo o que há, haver é o maior carisma de um carinho que se devolve à eclosão das coisas.

O nada que talvez tenha sido dito não merece de ninguém uma atenção especial, passem aqueles que são incapazes de ler, a ignorância não é um crime. Talvez não haver leitura no que escrito ficou deste delírio seja a mais certa leitura.

Não é solidão o que é. O que é apenas é sem como nem porquê, uma língua tentando uma sensibilidade a sentir e a pensar que pode ser presente a presença de tudo. Este tudo não é o antónimo de um nada. Nada a dizer aceita-se como pletórico tudo.

31/1/2014

BLUES

Velhos blues insistem em não ser velhos,
ei-los em novas formas de gerações mais sensíveis
ao que poderia ter sido do que foi.
Tradição não é uma palavra feia.
As traições são sempre contemporâneas
de um presente, não são presentes extemporâneos.

Como se pode invejar o que já não existe?
Claro que ficaram as marcas dessas músicas
em ouvidos insubstanciais ou em subterrâneos
de folhas perdidas aos ventos de eventos
que tiveram lugar num há muito tempo.
Mas que sons não desejam ser actualizados?

Quem pega num passado passa a limpo a poeira
que se depositou em emoções vividas
e procura traduzir num novo sentir
esses outros que ousaram dizer uma paixão
ou a simples eventualidade de uma realidade.
Transformar o que foi num é sabe a um avanço.

Pode ser apenas uma ilusão, como diriam todos
aqueles que não acreditam em progressos,
mas o poder ser traz consigo uma força
que eleva a existência a uma razão de ser.
Razão e paixão não têm que ser incompatíveis.
Basta a coragem de se enfrentar o paradoxo.

Estes blues que agora farfalham de novidade
em arranjos que nem poderiam ser imaginados
num outrora de parques instrumentos
percorrem os ouvidos de insinuações
de um possível, e se esse possível fosse possível
noutras paragens da actividade humana?

Tentar, tentar, abrir espaços de uma realidade
que revolteie pelo estupefacto real,
há gestos que nunca serão compreendidos
nem hoje nem amanhã, essa incompreensão
é o testemunho mais evidente de que ser
pode revestir vestes das mais variegadas cores.

Ouçõ estes blues como se um corpo jovem
ousasse desejar introduzir-se na consciência
que faço de mim, sei que é uma tolice pensar
como possível essa arrogância do poder humano,
mas é com um quase amor que rejuvenesço
em lugares nunca por mim pisados.

Há muito mistério na determinação
dos efeitos dos factos, não digo o contrário,
digo que fenómenos sem uma evidente ciência
irrompem por vezes na devolução
que perpetraram em acasos imarcescíveis.
Estes blues deixaram de ser velhos ou jovens.

3/2/2014

PLANTAR

Plantar árvores que de tão jovens
talvez não tenham tempo de dar frutos
a quem as planta, poderá ser uma vesânia,
mas não é uma operação inútil.
Um esforço inaudito, no frio do inverno,
abrir covas capazes de receber sedentas raízes.

Homem e mulher em tarefas vegetativas
ondulam pelas excrescências convexas
do terreno húmido, passos que se dão em ervas
que crescem como se a natureza
fosse cíclica. Ciclicamente, ano após ano,
o homem e a mulher irrompem na natureza.

Não é por mal. Nem por um qualquer espírito
de vingança, mas ver na primavera flores
explodindo nas ramagens apocalípticas
é um prazer para olhos cansados de fealdade.
O mundo das cidades não esconde mais enigmas.
Passantes foram invenções de séculos volvidos.

Labirintos foram nublosas efabulações
de intelectuais boquiabertos diante das ruas
que se perfilavam, ora rectas ora enviesadas,
entre edifícios levantados para albergar
os ricos e os pobres de um tempo
que se pensava novo. Nova mistificação.

Não havia unanimidade nas correspondências
que se libertavam da imaginação fluida.
A sensibilidade era nova, para os ricos e os pobres.
Uns vivendo no centro cosmopolita,
os outros na legenda de bairros insalubres
guarnecidos da ideia de periferia.

Os artistas que serviam os poderosos
sentiam sensações esquisitas, outros diriam,
delicadas, havia um perfume artificial
e algum fetiche na enfeitiçada melancolia.
Artistas lúcidos pereciam em doenças
que se esboçavam em mansardas infectas.

Os pobres putrefaziam-se em trabalhos
que explodiam nas indústrias recentes,
teriam alguma vez compreendido a noção
de uma saída para o beco moderno?
Alguém escreveu, a ideologia dos dominados
é a dos dominantes. Estaria tudo dito?

De vez em quando exploravam-se revoluções
assinaladas em estandartes coloridos,
risos sujos e dentes carcomidos brilhavam
como se o esplendor fosse para todos acessível.
Não era e não foi. Pobres e ricos é o refrão
de muita canção ainda contemporânea.

Paro. Regresso ao começo. Congemino.
Que se passa comigo? Que dizer é este
que vagueia entre o campo e a cidade
como se essa dualidade ainda fosse um tema
ou um motivo para um porisma?
A verdade não é única nem absoluta.

Mas é verdade que socialmente permaneço
ainda nesse século dezanove da questão social.
Que paragem se fez tempo, mas tempo
sem uma passagem? Que aconteceu?
Dizem, como resposta, o capital.
O que é o capital? Será capital para a vida?

O sofrimento de milhões e milhões
de homens e de mulheres e de crianças,
o que significa? Que o homem não é
o que pensa ser, um homem? Que há ideias
que não passam mais do que idealismos
servindo a realidade do capital?

Há qualquer coisa que está mal e eu não sei
o que é? Não compreendo a natureza do mal.
Compreendo, como evidente, a existência
da natureza, mas nunca compreendi o mal
e o sofrimento infligidos pelos homens
aos homens. Que mistério continua mistério?

De onde vim para não ter chegado a vir?
Que viagem não foi distância? Que olhar é este
que nunca se acomodou à cômoda razão
de uma inevitabilidade metafísica?
Há monstros na humanidade compulsiva?
De onde vieram? Como chegaram à terra?

Há uma voz, talvez suspeita e coerciva,
que muitas vezes me diz: Não és deste mundo.
Não és deste mundo?! Como, se só há um mundo?
Que estupidez me estreita em convoluções
de pensamentos incapazes de um real?
Nasci e morrerei no sofrimento dos outros?

Planto com a mulher árvores tão incipientes
como estas palavras perdidas na língua,
transpiro de dor nos músculos ressequidos,
mais uma carga de estrume sobre o chão
onde o barro nunca se transformou em homem.
O barro é o pior que se pode dar às raízes.

A beleza!, ver um tronco delgado erguido
como uma flecha procurando um céu
desafiando a criação de um qualquer artista,
irromperão de alguma seiva ramos
instigados pelo sol perspícuo da primavera?
Ignorar nem sempre é saudável.

Que ignoram os pobres do campo e da cidade?
Houve já séculos que foram das luzes,
que luzes lhes faltam para poderem ver,
para poderem descobrir uma maneira de acabar
com os pobres e os ricos? Que remédio
lhes falece? Ignorarão a origem dessa palavra?

Criança, perguntei, talvez já consciente
de alguma consciência mais ou menos social,
mãe, somos pobres ou ricos?
Respondeu-me, remediados. Era verdade.
Re-médio remete-nos, dizem os dicionários,
para esse meio, para essa mediania.

Há quem suspeite da mediocridade.
Não tenham ilusões, devíamos todos ser medíocres.
Ou remediados, diria agora minha mãe,
se pudesse dizer. Não pode. Mas eu posso.
Repetindo incansavelmente, remediados.
Tudo o mais é aceitar a cegueira da natureza.

Da natureza da natureza e da natureza humana.
A vida dos homens e das mulheres e das crianças
não é cíclica. É um crescer como uma árvore
até que a morte sobrevenha. Diziam,
os sagazes, as árvores morrem de pé.
Pena que não aconteça o mesmo connosco.

Desconfiem das competências exigidas
pelo saber do mundo competitivo.
A balança não exige dois pesos e duas medidas.
O mercado transforma-vos em mercadorias.
Mercar é um diálogo entre quem vende
e quem compra. Uma troca, uma sintonia.

Os mais competentes, em Grécias antigas,
já foram aristocratas. Há vícios
que se transformam em hábitos, pior,
em costumes aceites pela comunidade.
Séculos e séculos de logro, quantos mais séculos
ainda para que os mitos sejam destruídos?

Os heróis, ontem como hoje, nunca vencerão
os deuses, e os deuses cresceram do mundo.
Os heróis, fantasias do que se gostaria de ser,
nunca farão dos escravos senhores.
Os deuses escondem-se nas máscaras
de novos senhores assenhoreando-se de tudo.

É tão aborrecido estar-se aqui a escrever
o consabido que parece ser ignorado
pelas populações da terra! Há tanto a fazer,
por exemplo, plantar árvores na esperança
de que nos oferecerão succulentos frutos.
Amar as árvores é um exemplo incorruptível.

Plantá-las é um prazer subtraindo-se à dor
do corpo envelhecido. Tomara ser árvore.
Viver num pomar. Ofertar todos os anos,
como se fosse natural, os frutos que oscilam
às brisas que circunvagam de admiração.
Sem precisar de mercar. Presenteando apenas.

Presentes dos sonhos que não ousam ser
realizados são estes momentos devotados
a uma escrita que deixa no espaço em branco
um sulco de um estranho arado,
o suor não tem mais que ser do rosto,
homens e mulheres construíram tractores.

Tratarei de acabar da melhor maneira
este arrazoado contemplativo, afinal
para que serve o olhar, senão para a teoria?
Um sorriso triste açambarca a disposição
que me ata às palavras, não me atemorizam
cacofonias de estéticas da perfeição.

Somos todos imperfeitos. Errar é humano.
Mas fazer mal não é errar. É proceder
a um objectivo. Não somos objectos aceitando
a inevitabilidade de uma condição
sem condições de vida. A vida ama, deseja-nos
o melhor quando irrompe do desconhecido.

3/2/2014

A APORIA

Imiscuo-me neste grande turbilhão de palavras
como se fosse um mar desconhecido
procurando encontrar uma embarcação
capaz de me levar onde um onde fosse mais
do que um mero vocábulo na sintaxe
que se desnuda em imensidões sonoras.

Não importa que o começo seja o fim
ou o fim não se reveja em nenhum começo,
importa calcorrear este prazer que é escrever
sem uma determinação do ser,
o que quer que isso queira ou deseje
ser. Sendo, talvez se descubra uma porta.

Vou levado pelas vagas de uma potência
que parece desobedecer aos arautos imagísticos,
um riso insolúvel resolve-se no espasmo
que o corpo faculta quando a dor nada mais é
do que a audição de um bocejo
intrometendo-se no negócio do ócio.

Que haverá do dizer para ser dito?
A voz interpela uma tela fictícia,
identidade é o ritmo com que se escreve,
um delírio onde a loucura de tão longínqua
não se reconhece como possibilidade
de existência no mericismo do mesmo.

É uma música o que me transforma
no que me transporta, a velocidade instiga
a consciência, mas nenhuma corrente
se acerca do corpo para fazê-lo prisioneiro
de uma ideia preconcebida. Concebida assim
a história de um momento é com júbilo

que o contentamento explora um desatino.
Não se está onde se existe, diz o som
ao silêncio do vazio, está-se não é uma estase,
ficar-se perplexo num léxico indiferente
não quer dizer que o dizer perdeu o fôlego
de uma aventura, de uma passagem livre.

Vozes de quem se foi no que permanece
sem voz diluem o que dilucidam, amor,
amor, clama quem proclama o degelo
como um selo para correspondências
que não têm mais razão de ser que o ser
da razão infestada de clamores imanes.

Uma paisagem abissal demove-se na singeleza
de uma idiota transfiguração do real,
que mal ousaria deturpar o sentimento
de um acontecimento tentando introduzir
um advento onde é de todo impossível uma hora
para que um dilúculo resista a uma aurora?

Perguntas imbecis abeiram-se das fímbrias
não só filosóficas como também apaixonadas,
haverá algures um lugar que aceite ser
uma encruzilhada no sítio em que tudo se joga
para que a brincadeira assuma uma inteligência
não só existencial como verosímil?

Uma criança envelhece o tempo de vida,
estranha que a visão que possui do mundo
nada mais seja que uma revelação perdida
na incomensurável razoabilidade de todas
as coisas. Ponto. Mas nunca final,
pelo menos por agora. Pelo menos aqui.

Não há um estremecimento sexual
no que se acaba de escrever, mas o erotismo
na sua complexidade mutável reivindica
uma atmosfera onde o clima receba o denodo
de um novo prazer. Achar uma palavra
para o que é sempre foi tarefa de louco.

Sufrimento, onde? Dor, onde? Alegria
é o nome da coisa, esta afasia dos sentidos
devorando a tentativa de conhecimento,
como se já não bastassem os paroxismos
do pensamento quando um ardor assoma
trazendo nos seus limites um sol devastador.

Sol, que foi feito de ti? Títilas algures
no oceano do céu, luz ferida de nódoas
ou de chagas em que nenhum corpo se revê?
Solta-te da ignorância depressiva,
atravessa a distância de uma luz,
protege quem te ama do mundo civil.

Que interessa o que possam pensar de ti
ou de mim? Ninguém me é eu para suportar
por um minuto o inexpressivo estilicídio
de um atrevimento gratuito, acção, acção,
diz o proponente de uma cena artística,
poder-se-á confiar uma vida a um tolo?

Ressonâncias de um mundo futuro
perdem-se na culminação do zelo arguto
que se coloca na imersão dos sentidos,
sentir não é um verbo despossuído de alor,
viver só sucumbe à morte quando a sorte
se despede da passagem para o acaso.

Algo se faz ouvir na acumulação furtiva
das emoções precárias. Afinal ganhar a vida
não corresponde, muitas vezes, a perdê-la,
como se houvesse um mérito na escravidão
que assola as sociedades capitalistas?
Não há outras, diz-me a voz do seu dono.

Singulto canino aquele que expelle a pele
de uma arrogância financeira, «quem
é quem» deixou o mundo entregue ao capricho
dos malandros, que se passa com os outrora
povos da terra? Deixaram de ser populações?
Não sofrem mais do que o hábito?

Ajoelham-se perante as perspectivas?
De um futuro melhor? De um mundo limpo
para os seus filhos? Que sabem do mundo?
Que sabem dos filhos? Atrasos de vida
são como escarros de tenebrosos medos,
por que não se insurgem os escravos de hoje?

Imbecis! Deixarem para amanhã
o que podem fazer hoje. Ou pior ainda,
não saberem que o conhecimento só faz sentido
quando se desdobra em obras humanas,
em tentativas de abraçar um destino
como se no fim houvesse um começo.

Um silêncio corrupto atravessa as imagens
das comunidades electivas, onde estão os lumes
e os fogos acesos? Por que temem destruir
o que de mais nefasto se apodera deles?
Pensarem que atingirão um auge num cimo
sobrepassando a planície juncada de cadáveres.

Filhos de filhos nunca terão a oportunidade
de matar os pais, país de silêncios astrais
demovendo a coragem de agir.
Mas não há por onde ir. Para onde ir
está o mundo cheio, as fábricas precisam
dos nómadas, os museus de passados.

Há quem acredite ainda em promessas.
Peças de uma engrenagem que não vislumbram
pensam que escolhem os passos que dão
sobre a terra, mal sabem que são brinquedos
nas mãos dos que manipulam o poder
dizendo, venham por aqui, venham por aqui.

Uma labareda não faz uma fogueira.
Um corpo não arquitecta um novo mundo.
Uma experiência será sempre desmedida.
Nenhuma história tem acesso ao real.
A voz que clama não colmata o abismo.
Eco de ecos ecoa como um velho sofisma.

Cegos arrastam cegos na nomenclatura
da contemporaneidade, simultâneos berros
de uma morosidade esplenética. A aporia
só existe para ser vencida, ultrapassada, voz
que é alertando para o sigilo da dificuldade.
Nunca foi fácil ser-se homem ou mulher.

3/2/2014

A SENSIBILIDADE

Músicas atravessam a espessura da manhã
perdida em mantos de uma claridade
onde o acinzentado pontifica.
Que é feito do mundo? Tudo morto
neste interregno que dura pelo tempo
como se o bem não merecesse uma consideração.

Como podem as pessoas sobreviver
a este desastre? Como se pode viver sem sol?
Tudo em redor parece um emaranhado
de coisas e de objectos, a abjecção
também pode ser atmosférica.
A moral um dado da natureza cega.

Verdade que a música perpassa pelo quarto
da casa, mas falta-lhe qualquer coisa,
uma origem nos instrumentos,
uma beleza que pudesse ser apreciada
por quem se devota às sonoridades epulóticas.
Será que um pesadelo poderá ser real?

Os telhados dos edifícios no sopé do monte
parecem estruturas de uma pintura datada,
mas o que não é datado na existência?
Percorre-se uma tristeza factual,
outros diriam, factícia, mas a malícia
não tem aqui lugar para se estabelecer.

Quando não há meditação perde-se a acção.
Não seria mais certo dizer, quando há acção
perde-se a meditação? Impressões embrulhadas
em apogeus do informe naufragam breves
em deslocações de praias imaginadas.
Que areias resistirão à ausência do sol?

Disparates desiludidos afloram ao imo
do pensamento, haverá alguma possibilidade
de se fixar uma membrana enublada
e espessa como objecto de uma reflexão?
A reflexão é sol. É calor na pele
de quem sente a obrigação de dizer.

Nenhuma língua nesta manhã obscurecida.
As palavras não surgem como apelos
ao contrário de um vice versa,
tudo parece indistinto na imobilidade
que fez do rigor uma opção estética
quando ainda se pensava a poesia viável.

Beleza estranha a que se funde na fealdade.
Não há fundamento capaz de trazer
aos olhos uma medida que justifique a hora,
em que realidade se vive?
Uma chuva miudinha escurece o ambiente,
cambiante de nenhuma cor.

A terra absorveu e engoliu o mundo
num espectáculo de agonia, onde um sentido
que possa fazer sentido neste momento?
Uma pasta execrável deturpa a consciência,
a ferida abre-se num delírio de dores.
Sofrer também é apanágio de um exterior?

O fora não reconhece o dentro, esta casa
onde se alberga um desejo de testemunho.
Não há luz onde se possa escrever
uma afirmação que seja da presença.
E no entanto alguém escreve um simulacro
como se nada mais restasse que tentar.

Há experiências que não se experimentam.
Excluídas das hipóteses inaugurais
advêm simples factos recolhidos em anais
que nenhuma história irá consultar.
A crueldade contém em si uma linguagem.
Este em si tem sido quase sempre inefável.

Prosseguir para quê, se é o estático
que dormita numa solidificação petrificada?
Não há nenhum dever que obrigue
quem quer que seja a ultrapassar os limites
do razoável, será razoável tentar
abrir um caminho onde impera o nada?

E no entanto o desejo cresce numa erecção
imponderável, passar, passar, furar o sofrimento
da hora com sigilos mitridáticos,
trazendo o que há para o cimo desta página
que se move puxada pelos vocábulos.
Há palavras que não resistem à tentação.

Não há nada a fazer. Tem que se fazer
o que se tem que fazer, avançar pela via
de um desconhecido extemporâneo,
pela inexistência de uma melancolia
pensada extinta pelos manifestos erros
de uma história tantas vezes totalitária.

Há passados que não ficaram satisfeitos
por terem passado. Desobedecem ao tempo
introduzindo-se sub-repticiamente
no coração dos homens para os devolver
a climas intransitáveis. A estase
nunca foi a outra face do êxtase.

Quando passará este apocalipse sem revelação?
Ninguém o sabe. Os boletins meteorológicos
vivem de observações lógicas,
como prever uma frente que dança
quando avança pela imensidão do céu
aberto a deiscências interpretativas?

A sensibilidade convive mal com o imprevisível.
O visível é muitas vezes negado, expurgado
de sua presença. Ninguém aceita
com bons ou maus olhos o imponderável.
Os planos são para serem cumpridos,
os objectivos para serem atingidos, dizem.

A insânia não é uma simples loucura.
A humanidade passa por períodos mais
ou menos menstruais, sangues desperdiçados
em batalhas de ideologias antagónicas,
carnificinas sem nenhum respeito pela carne.
O canhão é ainda a melhor diplomacia.

Dizem que tudo mudou. O estado
de mudança diz sempre que tudo muda.
Mudos de espanto os que sofrem as sevícias
das novas ordens não sabem como lutar
contra o mal. O mal não existe, dizem,
é uma ficção, uma invenção da ética.

Tanto sofrimento na vulgata do mundo
como se apresenta todos os dias,
a todas as horas contidas nos fusos horários.
Como se nada fosse. As pessoas levantam-se
para o trabalho, trabalham em ofícios
mal pagos, o que significa o verbo resistir?

Quem pode resistir a esta atmosfera dorida?
Todos. Uns melhores do que outros,
todos sucumbindo nas redes da sobrevivência.
O mundo enublado não compreende
a natureza do sol. As manhãs que sorriem
são uma chacota pegada. Faz-se tarde.

Mas o que se pode fazer, o que se pode fazer?,
deblateram as vozes dos sacrificados.
A humanidade não é uma coisa.
Os homens e as mulheres não são todos iguais.
A universalidade é um mito.
Como mudar o estado de coisas?

Ninguém sabe nada de nada,
mas todos suspeitam que alguns sabem
bem demais alguma coisa. Como confiar
no bem? Bem e mal confundem-se,
o que se está a passar? Poucos, dos muitos
que padecem, sabem o que se está a passar.

Não ignoram que tudo passa.
Há sempre uma esperança, talvez um dia
seja o dia da esperança, não se tenha mais
que esperar. Talvez o mal se canse
de ser mau, talvez melhores dias
tragam a bonança, um inexplicável sol.

Talvez do talvez tudo seja possível.
Viram-se tantas coisas, que coisas nunca se viram?
Os que têm (e sabe-se como) devolverem
aos que não têm o que têm. E depois há esmolas.
Caridades. Gestos de uma invulgar filantropia.
Há até pessoas de bem. Que têm, para dar.

Não, o sol não será para hoje.
Demasiado enublado o céu a ponto de ser
difícil acreditar que haja um céu azul
para lá do que há em frente dos olhos pesarosos.
A manhã passa a tarde. Vozes
adolescentes ejaculam-se em gritaria.

No recreio da escola. Na inconsciência
em que vivem uma despreocupação
compreensível. Vão, muitos deles, almoçar
na cantina. Jogam com bolas saltitantes,
saltam como agilidades edificantes,
edificarão algum dia uma vida solar?

Uma incógnita. Ao futuro o que é do futuro,
ao presente o que é do presente.
Estranhos ritmos de estranhas circunstâncias
permanecem ainda como língua de fundo.
A ocidente nada de novo. Um novo nada
permanece como se fosse o próprio mundo.

4/2/2014

O DIZER DO NADA DIZ TUDO

«Sol, sol, sol», canta meu corpo
desprovido de qualquer espírito,
enquanto me lanço num delírio breve
sobre a tela onde nada mais visiono
que o filme de um vazio tão intenso
que sinto o momento de feri-lo.

Este branco não é uma página órfã
caída na imensidão febril do acaso,
esta brancura antecede as nuvens níveas
que perpassam num horizonte afásico.
Estava aqui antes de chegar aqui,
esperando, esperando, traços negros.

Vocábulos de vozes vocacionadas
para a provocação abrem um rasgão
na tela aparentemente adormecida,
«Sou eu», grito como um estilete sibilino,
«Sou eu», incomparado e incompatível
na dimensão de uma desmedida.

Dizer o que vai no mundo é dizer
o mundo que vai em mim, que vai de mim
para o mundo? Que poderá sair do canto
ao sol que me invade como se eu fosse
uma bateria desprezada e irreconhecível?
O dizer do nada diz tudo.

Olhos de mim perpassam pelos fogos
de uma adstringência inconclusa,
o pensamento procura, procura,
primeiro ser pensamento, depois
ser um depois que me liberte da dor
destes últimos dias expostos ao frio.

Luzes de mim, que não existem,
perpassam pela tela tentando fazer dela
uma outra experiência do cotidiano,
serei capaz de abrir de par em par
uma voz que se salde pelo degelo
que se apossou da consciência ferida?

Mins de mim saltam em danças feéricas
como nesses momentos de uma devoção
incompreensível, será assim tão difícil
colaborar com a possibilidade de futuro?
Não saber responder. Não saber o ser
que me poderia albergar na incógnita.

Esvai-se o sol no compacto letífero
das nuvens assassinas, meu corpo
não deseja mais ser corpo, assistir
ao desaparecimento da luminosidade
do céu sabe-me a um mergulho
num espaço desconhecido do tempo.

6/2/2014

O SILÊNCIO DA VOZ

Por mais música que se faça ouvir,
e faz-se, é o silêncio, estranho e impossível,
que se gruda à crueza do sentimento
que pretende a todo o custo advir
consciência de quem escreve, que sou eu.
Eu que de mim ou de meu nada sou.

Nem o sol esporádico, que intumescce
o quarto desprovido de defesas, consegue
impedir que esse silêncio desaguando
numa tristeza inexplicável explore a hora
que se vive, um silêncio vindo
das pretéritas derivas da referência.

Não conheço este senhor que canta.
Chama-se Joshua James, ignoro de onde
veio ou para onde vai. A voz é agradável,
como um sussurro tomando conta
de uma história que ninguém quer contar.
Há experiências que não são tempo.

Há temporadas que não sabem o que fazer
da vida, expostas à ambiguidade do acaso
parecem nada mais ser do que emanções
de uma arbitrariedade um pouco aleatória,
se for possível ao possível ser possível.
Ouvir este “Today” quase me humaniza.

O meu envelhecimento não terá precedência?
A cabeça toldada de uma lucidez paradoxal
abana ao ritmo de uma carícia
tão recente que chego a pensar
que não posso existir nesta metamorfose.
Sobreviverei ao desgaste de um desastre?

O que não se anuncia por timidez
enuncia-se quase sem as convenções
instituídas pelo real, estarei numa dimensão
onde a experiência não passa de um exemplo
falido de um paradigma de uma outra era?
Era talvez de esperar que isto acontecesse.

Ignoro se o calor do sol aquece este silêncio,
a sua presença faz-se sentir na sensibilidade
deste cantor que se desdobra em canções?
Que sabemos do saber? E da presença?
Ausente num mundo feito de mundos
onde estará esta voz que agora se distende?

Não ser um instrumento!, digo-me tantas
vezes. Que querei dizer? Faz sentido
ser investido de pensamentos avulsos,
tantas vezes abstrusos? Haverá beleza?
Este deslize deste momento não se contradiz
nem é um contra-senso, é uma realidade.

Se dura, para quê chamar-lhe momento?
Mas o momento dura, disse-me um amigo
mais ou menos filósofo. Não confundas
momento com instante, explicou-me ele
com argumentos que esqueci de todo.
Não há memória que resista ao tempo.

A passagem das horas é como aragem
transfigurando o que passa por ser,
às vezes sente-se uma tristeza silenciosa
perder-se na imensidão de um vazio.
Não é pena a história não poder averbar
tudo o que acontece no desejo dum minuto?

Num minuto do desejo? E será desejo
o que, sem dúvida, é como qualquer coisa
que esbarra contra a sonoridade da língua,
uma apreensão, um acto falhado, uma dor
sem razão plausível capaz de justificar
a morosidade de um silêncio esquipático?

O sol não me devolve ao mundo.
Nem me comove convocando-me ao delírio
de uma intrusão no seio do desconhecido.
Como encontrar no que se conhece
o que não se conhece? Não é um pouco
estúpido? Descobrir não será uma ilusão?

«Ouvir o que não posso ver!», digo-me.
O silêncio que destrói esta música
talvez não venha por mal, talvez não seja
um mal, talvez não passe de mais um silêncio
como todos os silêncios que coincidiram
com os sons mais extraordinários da vida.

Joshua deu lugar no palco do acaso
a John Primer e Bob Corritore.
Ah, estes blues já não me desgraçam mais
com uma graça que interpretava, na inocência
da idade, como momentos epifânicos.
Mas é um prazer ser jovem nos ouvidos.

Todo o corpo se reconhece, e não se deve
à presença distante do sol. Estes acordes
acordam em mim um mim que foi possível
quando viver não me era necessidade
nem um impulso das intuições anódinas
que nos inoculam contra o alto mal.

Houve algures um passado que se evoluiu
nas disparidades incongruentes da presença,
a ausência era mais um sentido disperso
do que a certeza de uma disponibilidade.
Sentir nunca foi uma viagem.
Recordar nunca será fazer um disco.

Um disco de fogo afunda-se nesta sensação
de que tudo foge, de que o corpo vai finalmente
ficar sozinho para receber a promessa
de uma revelação. Nada porém se revela
na fotografia que cresce como um cogumelo
cósmico na absolvição da cor.

Certo que há uma figura um pouco difusa
confundindo-se com o pano do fundo,
mas não será o mundo a tentar reter
o quadro que se dissolve em formas
dissolutas, reversos de corpos insubstanciais,
apanágios de telas intraduzíveis?

Dizer espaço e tempo é um lugar comum.
Comum a quem, é um outro problema.
Fala-se do que acontece como se a fala
pudesse também acontecer, será possível
tal desmedida na eclosão da realidade?
Há quem pense que acontecer não faz sentido.

Um sorriso desprende-se deste silêncio
em tantos sentidos enigmático e inviável,
é uma alegria no seu fim, uma aventura
que não se concretizou em ventura.
Valerá a pena fazer frente ao que não tem
frente? Valerá a pena dar voz ao silêncio?

10/2/2014

O INFORMULÁVEL

Dias que passam sem deixar marcas,
rasurados pelas águas das chuvas
que caem do céu como se houvesse algures
um infinito lutando contra a ideia
de um limite que imitasse a finitude
como fundamento da presença humana.

Haverá mundo em tudo isto?
Haverá mais terra do que a terra encharcada?
Essas gotas caindo numa transformação
de imaginados espasmos
onde o corpo não consegue existir,
destituídas a medida e a contenção.

De uma janela desprovida de tudo
menos da sua identidade vejo meteoritos
líquidos em lances tão espessos
que julgo ver uma tela sem fundo
nem primeiro plano, um absurdo abuso
da iminência imanente da realidade.

A beleza não exige da natureza uma arte.
O que acontece passa como passam por ser
dias os dias delidos na imensidão frágil
das águas que afluem em quedas
quase independentes da gravidade.
Ver é trazer ao que é uma apreensão.

Ver é ceder ao que é uma gravidade.
Mas quando um escasso sol
se mistura com a chuva num desvelo ilícito,
é quase com um estremecimento
que se sente algo querer irromper
no corpo despido de uma qualquer alma.

Como se o passado quisesse novamente
passar pelo que certamente nunca foi
quando foi uma convicção e uma certeza.
Que é feito da alma? Do espírito?
Nunca existiram, e por isso nada deles
é feito, ou existiram para ser exilados?

Que tempo é este que se confunde
com o tempo atmosférico, que chuva apagou
crenças e credos, que movimento
faz da história a história de outras coisas?
Não saber. Ver da janela anónima
que a chuva coincide com um claro sol.

Uma alegria absolve os pavimentos iludidos
em fictícios riachos, este sol aquático
galvaniza as nuvens tumefactas
dando ao horizonte a prospecção
de um delírio insurgindo-se contra a razão.
Que se perdeu no que foi achado?

São perguntas como estas que infestam
a consciência e o olhar, não se pode sentir
um sol, não se pode emitir um aguaceiro,
o poder de quem se atreve a escrever
não vai além do além de uma linguagem.
Está-se sempre aquém do real.

Não é uma limitação não se atingir o real.
Somos o real desde sempre, ínsitos
testemunhos do que somos e não somos,
assomos de uma brevidade
que acontece como um clarão do sol
sobre uma terra ainda habitada.

Até quando? As casas que se espriam
colina acima não traduzem uma revelação
da ordem do enigma ou do oráculo,
são verdades nos seus telhados atijolados,
manifestações de uma presença
que não corrompe nenhuma metafísica.

Tanta mentira e tanta ilusão
em pensamentos que pensavam estar
a pensar, homens e mulheres escrevendo
estados de coisas como se as coisas
possuíssem um estado. Mas pensar
nunca foi um mal, foi um passatempo.

Passa o tempo em conjugações jussivas
e planetárias, o que acontece aqui
não é precisamente o que acontece ali,
aqui e ali são estações da terra
povoadas pelas populações divididas
em sagrações de um desmunido sagrado.

Só há arte nos sentidos, tudo o mais
é o tal mais que divaga em aletologias
tantas vezes incompreensíveis,
tantas vezes descaradamente inventadas.
Viver não é um mistério. É um mistério
o que passa por ser ainda o mistério.

Gentes nascem e morrem, aqui e ali,
com um fervor que não se sabe de onde vem.
Haverá uma vida para os que nascem?
Houve uma vida para os que morrem?
Vive-se, e no entanto ignora-se o que é a vida,
o que é viver, o que é do que deveria ser.

Dever ser deixou de estar em moda.
Ser sem dever é uma liberdade prisioneira
dos seus próprios pressupostos,
quem o disse, quem se pensa capaz
de dar lições nos dias de hoje?
Os dias passam levados pelas águas da chuva.

Nenhum agora justifica uma ágora.
Ninguém sabe onde começa ou acaba
uma língua, muito menos uma civilização.
O oeste sempre foi o leste,
pelo menos para outras pessoas espalhadas
pela superfície do globo espelhado.

Nenhum aqui soube qual a fronteira
com um ali, convenções convencem-se
de que são verdadeiras, há mentiras
que são mais pujantes que a realidade.
Não durou muito, este sol e esta tonalidade.
A luminosidade nunca está ganha.

Não chove nem faz sol. O frio alastra.
Lá fora, pela casa. Que sentir?
Que pensar? Que fazer?
Haverá ainda espaço, razão de ser,
para a melancolia? Ser e razão alguma vez
se entenderão? Ouvir não é coisa fácil.

Melhor dar por fim este alastramento
da sensibilidade. Que se ganharia
em continuar? Que se perderia?
O céu compactado por nuvens pesadas
não responde a perguntas informúladas.
Mas o informúlável também é vida.

17/2/2014

A ESCURIDÃO

Entenebrecido pelas ideias mais díspares
que nos assaltam a consciência,
deito-me na cama aquecida, fecho os olhos
já oclusos pela escuridão do quarto
no sossego do seu remanso, e sussurro:
Nada para fazer amanhã. Que bom!

Que bom não ter nada para fazer!
Nem amanhã nem depois de amanhã,
nem nunca mais! Que bom!
Faça-me um dia a morte um morto,
e continuarei a não fazer nada
no nada que nos espera com devoção.

Um sorriso de contentamento.
Livre, livre apesar de tudo e de todos,
livre dos embaraços da civilização
compungida em sociedades
onde o trabalho parece ser a palavra
de ordem. Um pouco de desordem faz bem!

Com os olhos fechados espero que o sono
penetre nos escaninhos do corpo,
pensamentos mais do que esdrúxulos,
para não dizer agudos ou graves,
atravessam-me em apologias disto
ou daquilo, deixá-los navegar sem mar.

Cenas felizes afundam-se no momento
como abreviaturas da confusão,
sinto que a confusão é uma fusão com,
com quê é uma incógnita.
Passa a língua de palavra em palavra
como se desejasse ser linguagem.

De quem? é um enigma inacessível
na sua desesperada excedência, às vezes
julga-se até que a linguagem é ser,
mas ser será viver? O quente da cama
impede-me de ir mais longe.
Vivo como se nunca fosse morrer.

Amanhã é um outro dia, confirmo
com uma sabedoria que me é alheia,
o que me acontecerá de novo?
Que novidade ousará ser transposta
em realidade, que eventos sacudirão
meu corpo tecido de rotinas e de peripécias?

Um sorriso desvia-me para imagens
de outras paragens, a passagem
nem sempre é uma duração
ou uma mudança. Tudo muda, disseram
os que duram nos livros conselheiros,
como acreditar nos que desapareceram?

A ausência será uma presença?
Sorrio apertando meus braços ao corpo
como se fosse uma múmia egípcia,
só me falta o ouro do ceptro,
a realeza que junta talvez ao real
a noção de uma beleza mortuária.

Estou vivo, cicio numa afasia endógena.
Nada ouço que venha da escuridão
da casa, ouço o respirar certo e equânime
da mulher que dorme ao meu lado,
qualquer lado é bom para se começar
a dormir um saudável sono.

Que fiz de quem fui? – é a pergunta ávida.
Quem fui do que fiz? Que bom,
não fazer sentido na integral vastidão
da noite, perdido em meandros
tão perplexos que se chega a pensar
que são desavindos ou maldosos.

Com os olhos fechados esqueço
que estou no escuro. Tudo é cegueira
mesmo quando se vê, observar é servir
de testemunha para o que acontece
com o mesmo à-vontade de uma certeza,
incerta maneira de se sofrer.

Nunca houve autenticidade na viragem
de um facto para uma memória,
vive-se da escória dos dias, das nódoas
que perscrutam na toalha a tessitura
de um desenho capaz de universalidade.
Mas só o aqui é uma verdade sentida.

Nesta cama procura-se uma calma,
uma calma, uma redundância tutelar
onde se possa esperar que o sono virá,
e com o sono sonhos de dimensões legíveis.
Há medidas na incomensurabilidade
do tempo, há espaços que se extinguem.

Tolices e dislates preparam-se sonolentos
para advirem disparates de raciocínios
turbulentos, por que não chega o sono?
Se nada há para se fazer amanhã
por que haverá agora esta incompreensão
do que nem sequer está a acontecer?

Um sono não é um sonho. É real,
como perder os sentidos durante o tempo
de uma noite diluída no inacontecimento.
Sonhos, essas irrupções no nada
do que é e do que foi, há quem pense
que muitas vezes são premonitórios.

Pode-se censurar a ilusão? Claro que não.
Nunca se sente um adormecimento.
Sonolências engravidam a velhice
dos que passaram anos a viver uma idade,
mas ninguém poderá dizer, começo
a dormir, mesmo quando se cai de sono.

A dormir será tarde demais para se dizer
o que quer que seja. Uma morte,
mesmo se provisória, não se consente
testemunha de nada, nem do nada
que vai surgindo nos labirintos efêmeros
de um esquecimento sem um si mesmo.

Nada a fazer amanhã, que bom!
Aconchegado na desmedida da hora
abeiro-me do corpo como se fosse a face
de uma esfinge ignara, sorrio na perda
de quem não posso deixar de ser,
sou talvez uma sombra na escuridão.

Homem que sou não tenho tempo
para responder a perguntas estúpidas.
Não são os oráculos que seduzem
os meus ouvidos, mas uma estranhíssima
música perseguindo-se na prossecução
de mistérios que me desviam de quem sou.

18/2/2014

O SEU A SEU DONO

Uma sonolência universal
vem de encontro a mim na ilusão
ainda imperecível de uma tarde,
que devo fazer para dizer que sobrevivo?
Que riso mostrar ao inacessível da hora?
Que bisonho desenrolar da consciência?

Pareço que durmo, e dormindo
faço de conta que ouço do silêncio a sua voz:
*Serei eu quando sou meu? Que sei eu de mim
ou de quem sou? Dizem, o seu a seu dono.
Sou dono de mim? Em mim vive
o que é meu?*

*Eu, meu e mim são alguma coisa?
Alguma coisa que seja causa de quem sou,
casa onde se possa viver?
Vir ver foi a sorte. Deixar de ver será a fortuna?
Nenhum acaso ousará ir além do meu caso.
Nasci em mim sem ser eu ou meu.*

Morrerei em mim no meu ser eu.
Não compreendo este agregado de palavras.
Cuida-te, cuida-te, sê o cuidado de ti,
ouço ainda como um eco desintegrando-se
na plenitude de uma imensidão
que desespera, pelo ilegível, a inteligência.

Não há nenhuma pitonisa pisando uvas
para um inefável vinho, não foram oráculos
osculando ouvidos o ouvido na intermitência
de interstícios enigmáticos,
que figura, das figuras que figuram
nas línguas, terá ousado abreviar um disparate?

Quem sou deixa-me quase num isolamento
vituperoso, olho em redor procurando
justificar a verdade da minha presença,
a cama esquecida na sua inoperância
parece ser uma jangada num mar de sargaços.
O que é um mar? Será uma mãe, uma Khôra?

Vivo, cicio num quase sussurro,
estou vivo, como se essa descoberta fosse
uma ilha perdida na imaginação do ocidente.
Não há mais continentes quando os conteúdos
desmoram em glossolalias inúteis,
ritmos de fragmentos do pensamento.

Que estranho, sentir ainda a estranheza!
De estar vivo. Ou de sentir,
como um facto consumado, que só agora,
depois de tantos anos volvidos, cheguei à vida
no desdobramento de eventos dando azo
a um inexplicável apaziguamento.

Não é o sol que entra pelo quarto assombrado.
Uma luminosidade muito fina coincide
com a sensação de que algo balança
nesta indecisão intuída entre a jangada que sou
e o redor que nunca me atreveria a ser,
se ser ainda fosse um verbo conjugável.

Deitado sobre a superfície do tempo
tenho o privilégio de não atender
às suas lamúrias, às suas memórias,
indiferente à assunção da monstruosidade
que me poderiam assacar no saque
dos tesouros acumulados ao longo da história.

Será que a liberdade existe? Viver
sem se ser o que quer que seja, nem sequer
um homem, essa fábula criada pela vergonha?
Gozo o clarão dourado que se suspende
num tempo intraduzível, passo, vivo,
vivido como se a necessidade fosse possível.

Sem abrir a boca profiro palavras
que visitaram outros povos em vislumbres
de uma inocência imponderável,
profiro-as sem ferir o som, no silêncio
da tarde que pervaga como uma longa vaga
fazendo deslizar a jangada para um outro mar.

Não tenho medo de passar as barreiras do real.
O real não se castiga nem se amortalha
com barreiras, ou medos, ou acordos
de uma gramática buscando na ordem
a medida. Não haver medida é a medida.
Dizer nunca poderá significar um mundo.

Não há mundo. Há palavras insignificantes,
nada dizem quando dizem, não apontam
para mais nada que o nada onde se edificam.
Pensá-las capazes de ofertar o quer que seja
é uma loucura, elas estarão sempre aquém,
alcances que não se alcançam.

Não há, pelo menos aqui, nenhuma jangada.
Mas há uma cama suportando o corpo
de um homem, e houve, sem dúvida,
algumas palavras que irromperam
de um sem onde para ondularem consciência,
procurando assim talvez advir memória.

Foram esquecidas. Não deixaram rasto.
Desapareceram quando apareceram.
É aí que se tem que viver, felizes pelo ir
e vir do que casualmente surge
como uma canção olvidando a passagem
e os seus estigmas, e as suas bonanças.

Vivo, sorrio no que cicio, sentindo que isso
é bom! A bondade desta luz que abre
os objectos do quarto, como se demonstrando
que não há mistérios nem escaninhos.
Convidando as superfícies a ser coisas
com que se pode contar no quotidiano!

O corpo, agora, não sofre nenhuma dor.
A velhice que me faz claudicar tanta vez
não se apodera desta vez de quem me respira,
a pira é apenas uma imagem no círculo
de um fogo que pretende sobreviver ao amor.
Se houvesse uma humanidade no presente!

Passa como uma ilusão de graça a hora
que passa, logo será noite, logo outra cama
de outro quarto receberá meu corpo
para um sono, se for definitivo não faz mal.
O mal é apanágio da vigília.
Da vigília que pretende criar um mundo.

Homens e mulheres espalhados nas ideias
que se vão fazendo desse mundo,
talvez vivendo, talvez vegetando,
sofrendo sempre a dor que não sabem ganhar.
Não há libertadores para quem não se liberta.
Não há guias para o desejo de outra coisa.

Talvez, quem sabe, renunciando-se à ideia de mundo se adquirisse uma possibilidade de vida futura, talvez seja preciso dar tempo ao tempo, não procrastinando, não deixando para amanhã este agora e este aqui, esta parte de todas as partes.

Talvez se tenha que ouvir a voz que ciciza nos interstícios do tempo, procurando nos intervalos entre afazeres sentir o que o silêncio deseja sugerir a quem quiser mudar de humanidade ou de existência. Partir é um parto.

Haverá portos? Haverá portas?
Só avançando se saberá. Dias e noites fazem-se anos e épocas, haverá uma época para a humanidade que houver?
Ninguém sabe. Haverá desejo? Houve amor na mão carinhosa duma carícia de mãe?

Aqui e além são duas coordenadas.
Não estão presas a nada, e muito menos à impossibilidade. A pergunta a ser feita é fatal porque destinada aos que ousarão ouvi-la como o mais estranho impulso do nada:
Serei eu quando não sou meu?

26/2/2014

UMA REALIDADE DIFERENTE

Telefone a um amigo.

- Sabes quem é este gajo, o Willy Mason?

Estou agora mesmo a ouvi-lo.

- Ó pá, dizem que ainda é da família
do William James, responde-me o inquirido.

- Do William James, o filósofo pragmático?

- Sim, do irmão do Henry James.

- Vê-se logo que és das literaturas, sorrio
através da distância entre dois apartamentos.

- Vê-se logo que és das filosofias,
melómano do acaso e da ignorância, suspira.

- Obrigado pela informação.

“Carry On”, é o disco que estou a ouvir.

Pela primeira e talvez a última vez.

Não sou fácil de ser seduzido,

que o digam as mulheres que me conheceram.

E subitamente, num soluço, tenho pena.

Sinto pena de ter sido tão estúpido!

E de não ter pachorra nem paciência.

Contento-me com esta sucessão de canções

que surgem e se vão na desfaçatez

do que passa, um ouvido atento,

outro ouvido tentando perceber

o novo de qualquer coisa que possa ser nova.

Gosto, não gosto? Falta-me tempo

e alguma experiência do que se evolui, som,

no ar em volta, para poder dizer,

em consciência, com que consciência

ficarei destes sons que invadem o quarto

numa metamorfose do convívio.

Viro o disco e toco o mesmo, dir-se-ia
tão outrora, no tempo, que já ninguém sabe
do que estou a falar. Retomo a primeira canção.
What is this?, ouço num sobressalto.
O que é isto? Ora, é a manifestação real
de um tipo que está a escrever.

Percebo alguns versos escassos
como quem não compreende o que se passa
pelo mundo, e muito menos na sua vida.
É importante perceber o dito
para se gostar de uma voz, de uma música?
Nenhuma impressão se deixa impressionar.

Sibilino à minha maneira ouço
a fala humana de gente muito mais nova,
mas onde estará o novo?
Dizem-me, os que sabem, eruditos da língua
que ouço, que não se deve confundir,
num gesto precipitado, “newness” com “novelty”.

Aceito. Que sei eu de línguas?
Uso-as como quem deseja desenrascar-se
na precipitação ontológica do real,
se se pode dizer assim.
Que procuro pois eu, “the newness”
ou “the novelty”? Não saberia responder.

Que procuro na música?
Às vezes penso que a vida. A vida?...
Não fazer sentido comigo próprio
não é uma experiência recomendável.
Mas haverá um próprio de mim
que faça algum sentido digno dessa palavra?

Não estou a compreender.
Nem o que penso, nem o que ouço.
Vozes, digo-me tantas vezes, vozes,
dos outros, se possível humanas, vozes
que me tragam uma promessa de amizade,
que me abram a quem nunca pude ser.

Há músicas que não conseguem ser sons.
Como atmosferas perdidas de instrumentos
tentando criar uma realidade
que estivesse à altura de um desejo
de uma outra coisa. Mas a coisa é sempre
a mesma. Nascer, viver e morrer.

Que fazer para sentir que gosto destas canções?
Sentir ainda estará ao meu alcance?
E terei que gostar ou não gostar?
A existência não tem o direito de ser
existência? Ser não é ser? Que interessa,
ao que é, o sentido estético da gratuidade?

Gostar ou não gostar não será sempre
uma arbitrariedade, um capricho,
uma afirmação de um poder que se esconde
na impotência de que somos portadores?
Confrontar poderes com poderes
será alguma vez uma solução?

Não me perguntem para quê.
Uma solução, sei lá, sem para quê,
uma solução sem como nem porquê.
Atolado nesta aporia faço tudo para ouvir
o que Willy Mason está a cantar:
são canções desprendidas da sua voz.

Não me lembro quase nada do pragmatismo de William James. Mal recordo a trama de um dos romances lidos de Henry James. Gostei de alguma particularidade da filosofia de William, apreciei a técnica tão louvada do romance jamesiano?

Recordo-me de um livro interessante sobre os irmãos, e até me recordo de aí se abordar o problema da estética da imperfeição. Que não coincidia, como conceito e prática, com a minha. Não temos que coincidir uns com os outros.

O que há mais são colusões nefastas. Instintos abissais não são obrigados, numa metáfora fulminante, numa imagem mais ou menos excruciante, a arrastar-nos aos fundos do mundo. A ascensão nem sempre é uma pieguice mitológica.

A luz existe, do sol, é claro e é clara. Não seremos seres da luz, não somos seres das trevas, somos o que quisermos ser, se ousarmos. Ousemos gostar de quem tanto precisa de ser gostado. Que fazemos no mundo se não o fizermos?

Aplacado pela enormidade, mais pensada que proferida, abro os lábios ao sorriso entre o gozo de ser e o sofrimento de viver. Tudo vai de par, dizem certas línguas. Talvez um dia a “novelty” possa confundir-se com a “newness” numa realidade diferente.

28/2/2014

A SIMULTANEIDADE

«A rua, a rua!», ouve-se no corpo
uma voz indizível, foi-se à janela
e foi verdade, o sol abre o céu numa florescência
que só quem ama a terra poderá reconhecer
a simultaneidade entre uma árvore
e a luz que alberga o sentido da luminosidade.

Que importa o almoço ou a fome!
O sol chama, chama tão longínqua
que não se compreende muito bem todo o bem
que traz ao esplendor incoativo
de uma terra perdida nos meandros
de elucubrações telúricas como adversárias.

Um clangor de nada atroa tonitruante
pelo espaço aturdido de tanta luz celeste,
ainda ontem o tempo era de peste,
um vento frio toldado de nuvens negras
como só se pode imaginar para um fim
do mundo capaz de resistir à imaginação infrene.

Sair de casa. Sair de casa. Adeus frustração
de acções levadas a nenhum cabo,
adeus depressões oprimidas em desejos
de tal maneira infectos que dificilmente
se poderá arquitectar uma visão reveladora
do sofrimento que soprou por estas partes.

A vida existe! A vida existe! Azáfamas
de quem vem e de quem vai, vultos ocultos
em impropriedades da linguagem,
como se a realidade não pudesse ainda sintonizar
com uma harmonia, uma metáfora, fora
de qualquer logro de conhecimento esporádico.

Gente renascida repercutindo-se em passos
que sulcam calores vindos não se sabe de onde,
se do alto azul, se da terra arquejante
diante da tanta divulgação de uma primavera.
As árvores da avenida brotam botões
conscientes do tempo que agora faz.

Tanto tempo fechado em casas imobilizadas
numa consciência húmida e perspícua,
horas de dias e minutos de noites esbracejados
em ventos de uma melancolia quase feroz,
se fizesse sentido dar ao que é o que vai
na percepção dos acontecimentos atmosféricos.

O corpo chegou com a primavera.
Passou pé após pé pela meditação muscular
das pernas que sondaram as redondezas,
nenhumas vítimas caídas sobre as calçadas
iconoclastas, nem rastos do que foi ou tem sido,
apenas presenças onde as sombras abundam de sol.

Dizer da bondade do que é não é apanágio
da crueldade. O real imola-se diante dos olhos
imprevistos e um odor de alegria abisma-se
na comissura dos lábios, agora é que vai ser,
agora é que vai ser, o que será
ninguém o sabe nem ninguém quer saber.

Basta de sofrer! De sentir o frio nos locais
do desemprego, nos apartamentos apartados,
nos pés despedidos e destituídos de corpo.
Basta de se sentir que um dia, mais tarde
ou mais cedo, se vai morrer de morte evidente
como quem se consente um descanso merecido.

O mundo é uma impenetrável abstracção.
A terra um planeta oriundo da galáxia.
A galáxia desdobra-se em comiserações
de uma ciência que vive de descobertas,
de subsídios que nunca ousarão levar alguém
a esse nada tão nascente como uma estrela.

O sol inunda de um carinho impoluto
os corpos das pessoas que passam, camisas
desfraldam às brisas ocasionadas pelo movimento
dos corpos que se alcançam no alcance
de uma demora, de um desejo, de um sufrágio.
Até onde deixar a vida perecer na desmedida?

Nada como uma interrogação para se introduzir
o nada, esse desvelo das práticas sociais,
esse estorvo das intelectualidades criativas,
esse impulso determinando o corpo a gozar
tanto sol quanto possível for ao sol ser sol,
se compreender for ainda compreensível.

A rua perpetrou-se e penetrou-se de luz,
os homens e as mulheres quiseram talvez ser
crianças, as crianças não sabiam o que fazer,
se ficar ao sol embebidas de esperança,
se se deixarem escorregar para os limites
da sombra, da sombra de árvores urbanas.

Há um campo escondido em qualquer cidade.
Em qualquer idade do globo, dada a estupidez
humana no seu fascínio pelo mal,
pela queda, pela destruição, essa terra
saberá sair do seu esconderijo para povoar
novamente o planeta aparentemente moribundo.

O que não nasceu nunca morrerá.
O que nunca apareceu nunca desaparecerá.
O nada não é somente o oposto do tudo
ou do ser, o nada não se opõe a nada,
e por isso subsistirá como uma nostalgia
ao contrário, contrária a qualquer perdição.

6/3/2014

IN A TIME LAPSE

Estupefacto por estar estupefacto
ouço esta música como se pela primeira vez
sentisse que deveria sentir
algum respeito e alguma dignidade
diante do que ouço quando sinto dos sons
uma presença que quase me anula.

Não saber o que dizer faz-se dizer
nesta abreviatura da língua que me inunda,
serei por isso mesmo e finalmente
um ser humano? Um homem possível?
Silenciado pelo que ouço ouso apenas
deixar-me ser no momento de uma audição.

Sem saber se sei ou não sei o que estou a sentir
finjo pela consciência que tudo é possível,
até a beleza, a beleza sem mais nada.
Quem foi e é capaz de exprimir a inexpressão
do que é como do que não é?,
pergunto-me. Vou ver. Ludovico Einaudi.

O tempo pode passar, o tempo passa,
eu fico-me passando em cada som que irrompe
como uma caricatura da humanidade
que nos aflige, sucederes sucessivos
de acções que se desenrolam como se o caos
não fosse mais capaz ou possível.

Que domínio é este que me transporta
para portas de sensibilidades inimagináveis,
que carisma se alicerça no alcance
de uma nota saída agora de um piano,
esquecidos os outros instrumentos neste lapso
que mais se parece com um ilapso?

Há mais vida do que a vida? Há beleza
onde nada mais há do que a vida de todos
os dias? Que hora é esta e em que tarde?
De onde vem esta transformação inaudita
que me inculca personalidades isentas,
sombras de escombros do que já fui?

Houve uma memória na memória que há
neste preciso momento? Ou tudo é passagem
de sons soltos na atmosfera do pensamento,
sensações estranhas de uma terra
nunca visitada pelo facto tão simples
de não poder existir onde a existência existe?

Que língua me impede de falar ou de dizer?
Ou é esta música, como um fora,
que me aflora em terebrantes ilusões
de uma companhia onde a amizade seria
uma manifestação da dignidade do respeito?
Será que serei pelo facto de estar a ser?

A ser ouvido no que ouço? Serei eu mesmo
um eco ecoando na febricitante luz
da tarde que se ilumina de sonoridades
capazes de trazerem até mim quem nunca fui
por ser do ser apenas a desenvoltura
de um devir, a duração de um destino?

Palavras inauditas explodem na consciência
como se desejassem ser mais do que signos,
contentes por advirem os sons que sempre
foram, mas esquecidos na rotina das superstições
tantas vezes culturais como ideológicas.
Que lógica apagou a beleza do dizer?

Sinto-me como se fosse um atrevimento
pensar que me sinto, como se fosse um crime
perecer assim tão vivo na presença
do que é, e é esta música eclodindo na hora
como uma evanescência incorruptível,
fermento para não sei que conclusões abusivas!

Onde tenho estado para não ter estado?
O que tenho proferido? Em que mundo vivo?
Que terra é esta que desconhecia
completamente? Este é o meu corpo?
Será esta música que ouço o que outrora
chamavam de alma ou mesmo de espírito?

A alma ainda existe? O espírito existe?
Será isto que me penetra, em esboços
de um carinho, a fala de uma ausência?
Mas tudo me é presente como um presente
ou uma oferta, sabe-se lá de quem,
se a música não puder ser uma pessoa!

Devastado pelo gozo de ser ouvido no que sinto
faço-me um instrumento inventado
de propósito para este aqui e este agora,
eis a realidade, digo-me, este quarto virado
para uma serra indistinta, para o casario
de uma urbanidade eleita pela fealdade.

A beleza da música torna-me belo,
concedo, mas o real que bispo em frente
não se transfigura numa decência ablutora,
viver os contrastes, as dissonâncias,
sussurro ao meu ouvido comovido
pelo que ouve do que nunca aqui houve.

Vem de longe, como um sol despertando,
esta sensação de uma mais que emoção.
Sorrio pela sorte que o acaso me trouxe hoje,
este lapso de tempo, a mim, que sempre vivi
do tempo os seus momentos e as suas leves
ou pesadas brevidades, como se nada fosse.

Mas é, mas é o que estou neste momento
a ouvir, e ser deixa de se instituir um mistério
ou mesmo um enigma, agora compreendo
sem preconceitos o oráculo, esta voz
não da humanidade dos corpos humanos,
mas da extemporaneidade dos instrumentos.

Há um piano que me divulga na ilusão
de uma existência votada à bondade de ser,
que soube ser ao longo dos anos?
Que música? Que instrumento? Que tempo,
não do tempo que passa, mas do tempo
que a música exige a quem dela se aproxima?

Repito-me como um sibilo interdito
na imensidão catacrética da feliz repetição,
as emoções não são inumeráveis, a tristeza
e a alegria chegam e sobram para se sentir
todas as cores de um arco-íris transitivo,
transeunte acompanho cada peça deste delírio.

Vou ao fundo onde não há fundo.
Elevo-me onde não há céu nem aragem.
Faço de conta que conta o que estou a ser,
chega-me finalmente o silêncio, súbito,
como um corte sem sentido vivido quase dor
por quem de mim se despede de um êxtase.

7/3/2014

ATRÁS

Quem ou o quê, do que existe ou não existe,
me poderá trazer aqui?

Quem me obriga a sair da realidade do mundo
para me instalar por alguns minutos
na dependência da língua escrita?
Para quê ousar ser uma experiência viva?

Caído em mim por ter caído neste amálgama
de palavras que surgem de um chão
ora conhecido ora desconhecido,
esquecido de mim procuro encontrar
o quê, na aluvião que desce obscuro delírio
onde se mitigam as dores e os prazeres?

Há perguntas a fazer? Há respostas a responder?
Há sintaxes capazes de produzirem um efeito,
e depois um feito, e depois um facto?
Onde estou até o próprio onde se entenebrece
por não se reconhecer como um lugar
ou um tempo. Tudo depende de tudo.

A sensação é boa, dormir na consciência
quanta tentativa de paz é pacífica
na demora da sua deiscência,
para quê varejar a consciência com pruridos
que nem sequer se compadecem
do que pode vir a ser real num futuro?

Ninguém sabe do que aqui se trata ou fala
porque ninguém, no fundo, fala ou trata
do que quer que seja, o importante é seguir
a emoção, é continuar, como se tudo fosse,
pelo esplendor um pouco falso
de uma deriva de sensações aspectáveis.

Não há caminho que leve a nada,
dizem os maldosos em aruspícios insustentáveis,
como permitir que uma derisão se nos antolhe
a dévia arrepsia de uma fatalidade
que procura ocultar e concluir o destino
do que nasce sem prevenir quem aparece?

Parece que decalques foram encontrados
nos meandros dos rios transcendentais.
Parece que mundos anteriores se desculpam
diante de mundos posteriores num festejo
que faz ranger os dentes à raiva
que entretanto se tece de vozes atras.

«Quem é quem?» é um grito percuciente
enclavinando-se em dedos calosos,
os operários deixam de ser trabalhadores,
os trabalhadores sentem-se escravos
como se o tempo pudesse regressar atrás,
como se um espaço tivesse que ser consumido.

Como se em frente houvesse um atrás
escondido e esquecido, uma armadilha belisária
deixada nas artimanhas da história,
camadas de poeira e de cinzas avolumando-se
em estratos contendo atafegos explícitos
de pensamentos que se dissolveram na terra.

«Guerra, guerra!», dizem os noticiários avitos
que se preocupam com a contemporaneidade
das populações actuais, ver nas palavras
proferidas por vozes profissionais
cadáveres de crianças não é uma ficção
para todos os dias, para todos os minutos.

O mundo deixa às vezes de ser uma abstracção
para se devolver cruel como uma realidade
que não pode ser contida na imaginação.
Que fazer do que não se pode fazer,
que nostalgia de uma heroicidade
escapou às mentes privilegiadas de hoje?

Impotência, dizem alguns, indiferença,
dizem outros, que dizer pode irromper agora
da língua que não compreende que a hora
talvez seja de uma dissemelhança irreparável?
Não fazer sentido é o que o mundo mais faz.
Como testemunhá-lo sem traduzi-lo?

Rente ao que se pensa que acontece
vasqueja uma ilusão de uma afabilidade
que poderia ser humana, mas que sigilo político
abrange a humanidade dos que subvivem
a fingir que são homens e mulheres?
Que se passa?, pergunta a mãe ao filho.

Que aconteceu?, questiona a esposa junto
ao marido. Nada, nada, tudo na mesma.
A mesmice é uma doença que infecta
a moderna disposição para o logro e o dolo,
não há porém remédios que possam obviar
a epidemia que alastra num silêncio macio.

Tantas as catacreses que afloram à superfície,
de quê ignora-se, porque uma língua
nem sempre apresenta o que é
nem sequer em dimensões escarvadas
na memória das indispensáveis batologias.
Esgares bezoantes desfiguram o que prefiguram.

Como escapar a esse atrás que avança sempre
à frente do que é e acontece, sim,
como eliminá-lo de uma vez para sempre,
para que tudo, isto é, a vida,
seja mais simples, mais aliciante,
mais propícia ao desejo de uma outra coisa?

Ninguém sabe responder. Eliciar
do nada uma hipótese de trabalho ou de sonho
onde se inclua a humanidade como sujeito
do seu destino para que não esteja sujeita
às arbitrariedades dos livres arbítrios
não parece ser tarefa fácil, dizem os sabidos.

Afinal o homem é o homem, palestram
os oradores das histórias vingativas,
sábios da resignação e da inteligência concordam,
sempre foram assim, sempre serão assim,
os homens. Assim não há meditação
que resista ao opróbrio da ignóbil verdade.

Aqui estamos, mesmo quando pensamos
que vamos levados pelo tempo no seu fluxo
como no seu devir, mutabilidade risível
de uma realidade compungida por não poder
furtar-se ao real. Quem ou o quê me trouxe
aqui? E para quê? Para sofrer evidências?

Este estúpido desejo que me faz levantar
da leitura de livros conspícuos e inúteis
para me fazer sentar diante da língua anafrodita,
um desejo que nem sequer se transforma
em prazer, prazer que fosse mesmo se diluído
à mínima expressão de um convívio.

11/3/2014

O TEMPO E A CARNE

Esta experiência, viver,
que nunca se define como experimentação
ou experimento, oscilando como corda bamba,
em plena disjunção ou aderência,
sobre um abismo aberto na inclemência
da terra, na dor de quem a habita.

Esta experiência da experiência,
de viver e de morrer na escrita breve
da fugitiva obsessão, ser realidade tentando,
em deploráveis exercícios do bem e do mal,
atingir uma fenda imperceptível do real
que instiga os sentidos, de quem sente, a sentir.

Todos os dias mudo, mudo de espanto
por não compreender a mudança fluctíssona
que perpassa por mim como devassa o mundo
de flutuações e de acontecimentos
sucendo-se em manobras ininterruptas.
Todos os dias fico mudo no que mudo.

O tempo não contemporiza com o desejo
de se passar pelo tempo permanecendo
paragem na passagem, como se ficar
fosse possível no que avança em plena dança
dos sentidos que se perdem por não saberem,
ignaros ou incertos, como fazer sentido.

A vida é uma indelével ignorância.
A ânsia de se viver mais um minuto que seja
é a esperança que se inventa para se poder
suportar o que desaparece a olhos vistos.
Viver, verdadeiramente, nunca foi vir ver.
Nada do que há se presta aos olhos.

Daí que escreva com palavras
da humanidade dos homens e das mulheres
a mudez que desfigura as facetadas
exposições dos rostos indecifráveis.
Daí que me atreva a exortar, com gritos
indomesticáveis, a existência dos existentes.

Não há fala que seja anterior às palavras.
Poetas da contemporaneidade convulsa
e avulsa ainda rezam sabedorias edênicas
como “Um poema cresce na carne,
sobe ainda sem palavras pelos canais do ser”.
Não ser poeta para poder crer!

Para poder acreditar que um poema
seja um organismo, um feto fecundado
sabe-se lá por quem ou como,
em ventres onde sangues maternos
sobem em mimetismos de ascensões ao corpo
de filhos dormindo na matéria profunda.

“Fora existe o mundo.” Leio, e concordo.
Evidências, ao contrário do que muitos pensam,
nem precisam de ser confirmadas
pelos testemunhos oraculares
dos inexpugnáveis mistérios das visões.
Os Poetas não serão heróis desempregados?

Ou meros sacerdotes de mutilações místicas?
Sobrevivências subservientes de ambições
que não têm a coragem de se afirmar?
Como? Retirando as máscaras que ocultam
as caras alimentadas de iluminações.
Como se pode ser hoje tão declarativo?

Ouçõ, quase comovido, a confissão feliz:
“Fora, os corpos genuínos e inalteráveis
do nosso amor”. Como deve ser bom,
ou terrível, viver-se na eternidade inalterável
de um amor, entre uma estase e um êxtase!
Num fora de corpos incapazes de envelhecer!

“E o poema cresce tomando tudo em seu regaço”.
Palavras escritas, ou apenas vislumbradas,
são como mulheres ávidas de uma posse
que nada tem de sexual, são mães mordidas
por um desejo teatral e insustentável,
fazer face ao poder com um poder infante.

Daí que se avizinhe, com a força sustida
do que é uma coisa, o verso eversor:
“E já nenhum poder destrói o poema”.
Maravilha das maravilhas,
a arma arma-se de milagres convictos,
de castas transfigurações de potencialidades.

“Único, invade as órbitas, a redonda
e livre harmonia do mundo”, o poema.
Desde quando invadir é feito justificável?
E que órbitas? De astros constelados
em percussões de universos dispersos
na imaginação infrene de quem se expande?

Mas para quê invadir um mundo
livre e harmonioso? Não se compreende.
Alguma vez, fora, no mundo dos minutos
miseráveis, se poderá mudar o quer
que seja, contrapondo ao poder o poder?
O poema deixaria, por magia, de ser palavras?

Há absolutos impermeáveis aos lutos
que se disseminam pela terra, “o poema”
é um desses absolutos. Lutam os que lutam,
com ou sem poemas, simples corpos
de carnes confusas por sentirem sofrimentos
que ultrapassam a ideia do humano.

Como se pode ainda propor tais fantasias?
Certo, finaliza o poeta mais metafísico
que lúcido, “E o poema faz-se contra o tempo
e a carne”. Benditos leitores que comungam
de tais ideias, que nem sequer são,
como poderiam ser, espeques de um ideal.

Pode, o poema, fazer-se, por obra divina,
contra o tempo, mas de nada lhe vale.
Já nem os românticos das épocas românticas,
nos idos do começo do século dezanove,
acreditavam nisso. Só uma cegueira
amorosa, tenaz, pode subestimar o tempo.

Há poetas, felizmente para eles,
que publicam e são honestamente lidos,
ignorando de todo o que é a história.
A história dos outros e a história deles.
Passam numa esplêndida violência
indiferentes ao que se inunda de mundo.

Investidos de uma ingenuidade pueril
distribuem nos seus poemas bagos de uva
ou raízes minúsculas de sol que fazem enternecer
os que vivem de ilusões. É fácil embalar os leitores.
Difícil é convencê-los que um poema
se faz não contra, mas com o tempo e a carne.

12/3/2014

SEGUNDA PARTE

PROLOGUE

Ei-lo, o solo do instrumento
que começa o que não terá nunca fim,
o solo de um outro solo,
não o chão de nenhuma terra,
não os passos que se dão sobre essa terra,
nem a solidez de uma qualquer ideologia.

O solo de uma música que pede ao ouvido
o que o ouvido exige da música,
uma passagem para outra margem,
a realidade da experiência da realidade,
quando o momento, feito de tempo
e de espaço, o permite.

Quem ouve transforma-se em atenção,
comoção de um movimento
tentando acompanhar o que aparece
do que acontece num fluxo
que não deixa reflectir ou meditar
a língua que existe dentro de quem ouve.

Segundo a segundo de um mundo
sonoro soprando notas metamorfoseadas
em sensações especulativas,
como se no som se jogasse a prática
de uma vida perdida tantas vezes
entre um caminho e um outro caminho.

Será isto viver? Ou nada disto
é mais do que a beleza pressentida
pelo desejo preconcebido de achar beleza
na indiferença do que é e passa
sem traço que se insira na memória
de uma ousadia, que é sentir o sentir?

O instrumento dá da música
a sua voz contemporânea do que é,
a experiência é sempre inaudita,
um não ouvir no haver do que se ouve
como se houvesse mais do que a coisa
que nos apela em compulsões.

Intuir que nada mais há do que o que há.
E sentir uma alegria de corpo feita
e desfeita como quem conhece
do dia a sua noite, da noite o seu dia.
Não se pode adiar o que acontece.
Não se tece uma audição com paragens.

E no entanto, ó estupidez!, a sensação
de que o que continua música faz parar
qualquer coisa em qualquer coisa,
como se o momento vivesse alongando-se
de perplexidade e de desejo,
um beijo durando na humidade apetecida.

18/3/2014

THE DAY'S GROWN OLD

Já março se prepara para ser primavera
enquanto o sol não desiste de dar ao dia
a sua luminosidade tão posta em causa
neste inverno que nem chegou a ser
do nosso descontentamento. O poeta
não é Shakespeare, o poeta é Charles Cotton.

Ler o que foi há muito escrito foi destruído
pelo som de vozes rodeando o lugar
de um encontro. Saí de casa
com a curiosidade de ver
o que se passava pelos velhos campos
embrutecidos pelos verdes da estação.

E vi. Um rebanho de ovelhas triturava
na sua passagem o campo vizinho
ao que me atrevo a chamar,
numa hipérbole consciente,
a minha quinta. As ovelhas cobertas
de uma lã amorfa e fedorenta.

E um cão, irreverente na ocupação
que lhe foi outorgada, lá corria de lado
a lado como se o mundo fosse
da terra uma presença e uma massa
movendo-se na singularidade particular
de um evento ainda banal neste século.

Mais atrás sobressaía estrondosa
a voz de um pastor praguejando injunções
ou apelos ou exortações, uma fala
que me deixou sonhador, a voz humana,
como muitas vezes, recentemente,
gosto de me referir aos sons das gentes.

Ralos intempestivos não se ralavam
com a minha presença na periferia fofa
do verde do terreno, o pastor passou
sem me dizer uma boa tarde,
eu fiquei observando ainda alguns minutos,
sentindo o sol nas costas do meu corpo.

Estou a vinte e cinco quilómetros
da capital do país, e o país continua pastoral
na sua enigmática fabricação de história.
Campainhas rivalizavam com os ralos
e a tonitruante evocação de uma voz.
O cão não precisou de ladrar.

Eu não precisei de abrir a boca.
O sol quase primaveril batia nas silvas
que me eram familiares,
afinal para que servem os nomes?
Olhei para a paisagem e vi o horizonte.
Ao fundo, um mar esquecia-se de ser oceano.

Desci pela verdura, nem formoso
nem seguro, lembrando-me da curiosidade
de ver em que estado estavam as árvores
plantadas no começo do inverno.
Algumas desprendiam-se da natureza
em flores ancestrais, outras ainda mudas.

Há um prazer que baila algures
no lugar em que se é, uma emoção
descuidada e um pouco ingénua, sentir
que a terra se sustenta de nada,
uma vegetação que às vezes sofre a intrusão
de mãos tentando uma mais-valia.

Vi as macieiras adormecidas na poda
que lhes dei este ano, reduzidas
no volume que pode parecer fertilidade
mas que, muitas vezes, não esconde
na sua folhagem mais do que a ausência
dos frutos que nos poderiam tentar.

Vi as videiras ainda minúsculas ousando já
uns botões variegados, promessas
com que não se pode contar.
Não são para fazer vinho, esse bálsamo,
são para aceitar da sobremesa
um fim para uma refeição futura.

Vi os marmeleiros extrovertidos
em pequenos ramos soltando-se do tronco
corroborado pelas estações,
entrelaçamentos conspícuos da falta
de conhecimento que os aborda.
Mas todos os anos oferecem-nos marmelada.

Vi os damasqueiros floridos
em peripécias de uma brejeirice
difícil de ser definida, os primeiros frutos
que alimentam de suculência as bocas
da família no tempo em que se amarelam
para que as mãos os apalpem.

Vi as ameixieiras incapazes de ser história
em vidas que poderiam ser férteis,
algumas expondo-se em flores brancas
como se a virgindade fosse ainda possível.
Com a excepção de uma, nunca deram nada.
E quando deram, deram-se bichentas.

Vi as figueiras explodindo em folhas
acompanhadas de figos lampos,
a segunda leva será absorvida no engenho
com que se força uma deiscência
para dela se usufruir de uma doçura
em certo sentido um pouco vulgíva.

Vi os pessegueiros em arremessos
das suas primeiras flores,
demasiado jovens para se poderem
entregar, indecifráveis, na sua época.
Árvores de uma sensibilidade delicada
que enfurecem de pesar os verões.

Vi as pereiras ainda inexpressivas,
demorando-se em hibernações vegetativas
e mudas, árvores novas e velhas
moldando-se ao pomar mais próximo
da casa. Delas não espero nada.
Mas não é, de todo, por sua culpa.

Porque com a primavera e o verão
o terreno é fustigado de salsos ventos
que não conhecem a bondade
ou a solidariedade. A natureza, dizem,
é invulnerável aos desejos dos homens.
E o desejo, sabemo-lo, é incomensurável.

Mas agora, a tarde, no seu crepúsculo
quase ameno para poder ser um *locus*,
divulga-se numa mansidão benfazeja,
o sol perde-se entre as canas imóveis
enquanto cai no silêncio frugal
a luz que não figura em nenhum livro.

19/3/2014

ANSWER, ECHOES, DYING, DYING, DYING

Que poderiam os ecos responder
a quem não faz perguntas?
E mesmo que alguém as fizesse,
que respostas obteria dos ecos
senão as diferidas perguntas
que lançou sobre paredes inultas?

Os ecos não respondem, apenas
repetem, automáticos e enfraquecidos,
o que a voz debitou num som
endereçado a um horizonte diminuto.
Não morrem numa morte tortuosa,
desaparecem onde não surgiram.

Quando Tennyson elaborou, talvez
meticulosamente, os seus morrendo,
morrendo, morrendo, deveria estar
enlouquecido pela imaginação versátil,
borrifando-se para qualquer realidade
concernindo a realidade dos ecos.

Mas o que é a liberdade poética
senão o fingimento de se ser livre de dizer
o que se quiser, independentemente
de um qualquer realismo?
Ah, grito para uma parede da casa rústica
em que às vezes habito. Ah, é a réplica.

Mas não a réplica expressa em frases
como quando se fala das réplicas
oriundas das profundezas da terra
e que abalam a estrutura do chão
que se pisa depois de um terramoto
movido por razões já explicáveis.

A beleza, de um poema, por exemplo,
nada tem que ver com manifestações
do real na vivência de realidades
perceptíveis. Há-os, quero dizer, poetas,
que se contentam de lançar aos leitores
palavras que lhes ecoarão de sentidos.

Todos nós podemos ser poetas.
Atirar palavras para o ar e esperar
que essas palavras atinjam os ouvidos
de quem as quiser ouvir como cantos
de um esplendor transcendente
na consolação de um oracular suspiro.

Não há ecos de ecos de ecos.
Os ecos, atrasados alguns segundos
do que foi dito, ou gritado,
são definitivos. Não vão morrendo,
morrendo, morrendo, numa encenação
do que poderia ser o infinito.

Nunca procurei uma resposta
para uma pergunta que não tem
resposta. Procurei a conversa
algumas vezes humana com aqueles
que se introduzem na humanidade
como se a evidência fosse evidente.

Nem sempre o é. Não vou dizer
que o mundo está cheio de mistérios
ou de ignorância. Digo apenas
que muitas vozes não receberão
nenhum retorno, incapazes de eco.
Há muros que não devolvem sons.

Há prisões tão nocturnas no cerco
das suas paredes que nenhum choro,
humano ou inumano, poderá atingir
aqueles mesmos que choram de dor.
Os ecos necessitam de distância,
como os raciocínios comprovativos.

Mas está-se aqui. E mesmo se o aqui
é indefinido, ele existe sem precisar
do testemunho de um olhar perspícuo.
E este aqui é um agora. A língua, às vezes,
arvora dimensões tão verdadeiras
que o próprio real se sente inseguro.

24/3/2014

IN THE HOWLING STORM

Percursos elegíacos não são mais explícitos.
Podem escavar na tessitura do real
tentativas de sobrevivência, mas a morte
nunca sobrevive, a nada nem a ninguém.
Tudo é experiência e acontecimento,
nada mais há que a passagem do tempo.

Rosas de inverno assumem-se perdidas
perante o frio que as invade,
esquemas de configurações abstrusas
elucidando a cor que se evola
presa a caules demovidos de qualquer mansidão.
Nada mais se pode esperar do visível.

Quanto ao invisível, certo é que doenças
açambarcam a delida felicidade
das plantas. Mas os vírus e as bactérias
são tão presenças como a beleza hipotética
de umas pétalas incapazes de desabrochar.
Nenhum calor do sol é permanente.

Amores ainda destruirão vidas?
Alegorias ainda conseguirão traduzir
a plenitude do real? Imagens soltam-se
sem imaginação, onde está a língua incorrupta
capaz de dar ao alento a sua força?
Não há inocência nem pureza nem confirmação.

Os que morrem de que elegia podem ser eleitos?
De que serve cantar o que a voz amordaça?
E quem deseja ouvir, por um segundo que seja,
as carpideiras de outras eras,
tumefactas aparições de realidades
que não resistiram à história ocidental?

Não há alegria que possua uma cor.
Há sensibilidades e sentimentos
procurando introduzir no balanço do mundo
uma limitação do mal endêmico,
mas o que é o mal? Quem dele pode dispor
para poder dizer que o reconhece?

Não habitamos nenhum segredo.
Pensamos que somos únicos na fereza
dos destinos que nos interpelam com enigmas
e oráculos desavindos, tudo se levanta
no horizonte para que tudo possa regressar
à terra que nos abraça num despojo sem alma.

Verdade que tempestades uivam
em ambientes deduzidos de cambiantes
mais ou menos extemporâneos,
a noite muitas vezes é sacudida de ventos
que nada pressagiam, a não ser o nada
em que evidenciam uma ocorrência natural.

Chuvas voam pelas noites enegrecidas,
não há porém sinais visíveis ou invisíveis
que possam transformar a água numa língua
por muitos desejada profética.
Ninguém chega antes do seu tempo,
nenhuma fórmula formula o aparecimento.

Tudo e nada são efabulações da convicção,
histerismos esotéricos de opiniões
que pensam atingir as fímbrias de uma essência
que nunca passou pelo crivo do real.
Não, rosas que acalento em platabandas
cuidadas, a doença não é promíscua.

Nem as palavras poderão dizer mais
do que o dizer de que se afirmam divulgadas,
excepções não precisam de regras,
regras insurgem-se contra a terra inumana
como se o mundo dos homens e das mulheres
não estivesse contente sem explorações.

Uivam frases expeditas tentando impedir
que o evento de que se insurgem os factos
consiga aturdir as consciências contemporâneas,
que se pode contra as tormentas físicas
e psíquicas, que civilização alguma vez
soube viver de uma saúde traduzida em paz?

E no entanto, ou por isso mesmo, esta música
que impregna estas meditações absurdas
levanta-me num crescendo inexcedível
e faz-me voar em acusmáticos desvelos
de uma alegria inaudita, são acessos sedosos
de um avanço que não leva a nada.

Ou só ao sentimento de que a suspensão
se repercute num mais que som, numa voz
avançando sempre num arco-íris de sentidos
que se confundem com emoções tão íntimas
que é difícil se crer que se está ainda vivo
numa sensação de presença epulótica.

Sente-se, porque se conhece o desfecho
de tanto se ter ouvido ao longo dos anos
este trecho musical, que se culmina num grito
independente de qualquer medo ou alegria,
algo se rasga na dimensão do tempo,
um corpo perde a sua noção de espaço.

Quem sou, se soa a mim, desconhece
o mundo e a terra e o céu, de onde vim
venho até mim como um espasmo alucinante,
que amor ou ódio me abrasa no instante
que se recusa a ser momento, que falta
redunda num silêncio sem uma falha?

6/3/2014

EVERY NIGHTE AND ALLE

Quando a noite, dentro de casa,
perde as suas luzes, e a escuridão perceptível
se alonga em quartos disseminados
pelos lampiões da rua adjacente,
é com um misto de prazer e de dor que o corpo
se sente num abandono inamissível.

Há uma alegria na reverberação nocturna
que se introduz como uma mão
desejando uma carícia do olhar ameno,
o silêncio não desmente nenhuma voz
que possa introduzir-se no diapasão cardíaco
que ressoa como uma canção antiga.

Não é mais possível ser-se endecha
de alguma coisa. O mundo deslocou-se
do seu centro e agora só as periferias
respiram em modulações de umas músicas
que nunca foram cantadas por ninguém.
A história é um processo possesso.

O corredor é a passagem mais tenebrosa.
Aí nenhuma oclusão ou desvio da luz
projecta uma dimensão civilizacional,
aí nada se vê, e esse nada obriga os braços
a estenderem-se para sentirem nas paredes
um toque que toque a percepção.

Sensação estranha, avançar-se na cegueira
quase momentânea de um medo ancestral,
visceral, antagónico à percuciência
que invadiu o mundo de hoje.
Avança-se na destituição impávida
dos passos tacteantes, que frente é o fim?

O fim do corredor, é claro! São segundos secundados por uma imprecisão dissoluta, uma hesitação construída de acertos e de concupiscências inadvertidas, decisões que não chegam a atingir o fluxo da consciência que se desprende do corpo.

Há um temor acasalando-se ao abandono de um imprevisível, a escuridão desfaz-se da noite como se fosse possível sentir-se algures, dentro ou fora, a lembrança inócua de uma alma que há muito desertou a língua franca.

Experiência tão primitiva que se sente, nos interstícios do que é, uma débil apologia do selvagem como o imaginamos, grutas carcomidas pelas intempéries, ou verões vertiginosos alongando-se sol na noite desprotegida dos que dormem.

Não há cânticos de fúnebres exposições do sofrimento humano, há sossegos adormecidos esperando que uma luz se faça quando a manhã souber incendiar o horizonte. Atinge-se o quarto, apalpados os sentidos das paredes cobertas de estuque.

Da porta do quarto à cama não há sonho nem comprovações de um sono sonoro, a lâmpada não tem cabeceira, sobre um móvel cotejando estilos ultrapassados pela moda jaz a possibilidade da luz se fazer sem que seja uma origem.

Faz-se a luz. Sem princípio nem verbo
vê-se a cama adormecida pela mulher,
suspeita-se de uma quentura amorosa,
o corpo estende-se e uma mão grávida
gravita em redor do candeeiro
até encontrar o seu ponto de suspensão.

Todas as noites são mais ou menos assim.
Este assim nada tem de excepcional.
Agora deseja-se apenas que nos olhos
um pouco cansados, despedidos os óculos,
a consciência se faça escuridão
na escuridão que se alaga pelo quarto.

Demora sempre algum tempo a demora.
Pensamentos iniludíveis afluem
como catacreses de uma imponderabilidade
quase física, que foi do dia,
que será do amanhã, perguntas
que se soltam da inexistência nefasta.

A vida sorri como se o envelhecimento
do real nada tivesse que ver com a língua,
o corpo diverge de si mesmo em ocupações
de encontros com o colchão,
qual a melhor maneira de se adormecer?
Há perguntas que permanecem inalteráveis.

E nunca há respostas. Tentativas
são simulações de real procurando surdir
efeitos nem sempre consequentes,
haverá em perspectiva uma insónia?
A cabeça aturdida, nada mais pode fazer
que aceitar as diversões do acaso.

Palavras que não foram empregues na luz
do dia emergem vingativas de desejos
inconfessáveis, que desejam
de mim, que procuro apenas adormecer?
Uma caótica gesticulação de frases
apodera-se da escuridão indecifrável.

Dormir, dormir, é a canção contemporânea.
Apaguem-se os lampejos da consciência,
destruam-se em explosões de nada
concepções e teorias duvidosas, dormir,
peço a mim mesmo, mas o mim mesmo
deixou de ser realidade ou presença.

Estou perdido sem perda nem perdição,
digo-me agastado de silêncio.
O corpo inerte, inconclusivo, incapaz
de resolver qualquer problema,
esperando apenas que o deixem ser corpo
para adormecer numa cama esperada.

Todas as noites o costume costuma ser
assim. Cansa tanta ilusão no descanso,
não haver um suicídio para se saldar
a contenda, não haver a coragem do crime
que não resolveria nada ao nada!
Destituído de forças alojo-me na ignorância.

Às vezes o sono aparece na rapidez icástica
de um fechar de olhos. Outras vezes
a insónia perde-se na memória do que foi
como do que nunca foi, a história
deixa de ser contemporânea para viver
a extravagância extemporânea.

26/3/2014

THOU THAT MAK'ST A DAY OF NIGHT

Serenatas intestinas abrigam-se evocativas
no que teria sido do dia já passado,
corridas de estranhos eflúvios
tentando determinar em que zéfiros
uma contemporaneidade pode ser vivida,
uma experiência pode ainda ser estética.

Nada de nada no que repassa inesperado
como uma condescendência obsolescente
do que se expõe como ser.
Ser-se vivo terá alguma coisa que ver
com a memória diária que aflui
em mecanismos de uma ausência perclusa?

Imagens após imagens destroem a inócua
imaginação do que seria um mundo,
mas o que é, verdadeiramente, o mundo?
De que coisa se fala ou pensa quando se diz
que a terra abrevia, pela sua presença,
qualquer conceito que a destrua?

A noite alberga o dia esvaído em cansaço
dos sentidos incorporados no corpo,
poder-se-á conceber uma ideia icónica
que traga ao momento o sentido
de uma demora na distância impérvia
que ignora o alcance do alcance?

Há palavras que recusam sintaxes
e interpretações do real que se imiscui
na consciência ainda desperta,
como fazer introduzir numa história
o inconcebível de uma prática metódica,
viver cada dia a possibilidade do dia?

Acertos cercam de medos lapidescentes
o que se poderia pensar que foi ou não foi,
onde esbarra o pensamento da memória,
onde subjaz, como sentimento,
a felicidade de uma demonstração íntima,
a utilidade de uma meditação inapta?

Dia e noite mascaram-se de noite e dia,
como deslindar uma concentração
de um centro se o tempo que percorre
a passagem dos dias não obedece a uma lei
que se possa regular num mistério?
Será um enigma o que não se faz pergunta?

Realidades redundam em obscenas cenas
de um despuddorado equilíbrio das coisas,
mas que coisas perpassam no sentido
quase abstruso de se pensar que uma coisa
possui um volume e uma objectividade,
que coisa foge ao mimetismo da loucura?

Não há nenhum sol que se sente na cadeira
do absoluto nem na dimensão alegórica
de uma encenação poeticamente traduzida,
mas houve sem dúvida tempos
em que era e foi possível trespassar
a razão com arquitecturas monumentais.

Que inteligência abordava homens
como Ben Jonson? Que emaranhado
de ideias se esvaíam diante da imaginação
de um renascimento sem fénix alguma,
que protocolo da arte permitia à língua
dizer o que a realidade desmentia?

Há uma voz que canta no simulacro
de uma aventura desmedida,
a vida também pode ser perdida
no que acha do que procura, a beleza
foi alguma vez a fortaleza impenetrável
onde a humanidade se sentiu protegida?

É possível. A música é possível.
Poder-se-á ouvir nos seus interstícios
um destino que tenha escapado ao tempo
de uma incerteza incomensurável?
Poder-se-á viver na morte das palavras
que restam sepultadas em livros?

Ouçó com um prazer quase independente
de tudo quanto sou essa voz no arquejo
do que respiro, mas serei um hino
quando a novidade do que aparece
me transforma em formas inacessíveis
ao apego de uma apreensão imperdoável?

Nenhum coração voa pelo vislumbre
de um amanhã ou de um ontem,
só o presente passa num fremente passo
que não atinge mais do que o futuro
que toca levemente o tempo emergente,
suceder de sucessões de acasos.

Se a imaginação fosse uma realidade
realizar-se-iam na violência dos desejos
apogeus como abismos, crimes inauditos,
bondades acariciando a santidade
sem que fosse preciso a revelação
de um qualquer absoluto apocalipse.

O que foi, foi. É um estranho desvario
quando a leitura de hoje pretende viver
o que nunca, por incapacidade real,
foi vivido. A vida foi alguma vez
uma potência, uma pureza, um ornamento
na desordem de que são feitos os dias?

Astros glorificam-se em apologias
de deuses e de deusas, o que tem sido
a história da história dos homens
senão refutações ou dissidências do saber
outorgado pela tentação de se ver no nada
a necessidade de um brilho apelativo?

Pode-se censurar a evidência anacrônica
de uma crença? Pode-se fazer pouco
das populações que abriam os olhos
no meio da noite para rezar a um tudo
que tudo permanecesse na acalmia
de uma espera na profunda esperança?

A ilusão não será também a jangada
que sulca os mares do desconhecido, o dia
seguinte, as provações e os prazeres,
os deveres e as tarefas, as mortes amigas
de quem habitou uma afabilidade
tão indesmentível como o amor do outro?

Há passos que se dão em ofertas votivas,
presentes de presenças talvez fictícias,
mas fingir não será uma forma
de conhecimento? Canta uma luz
periclitante no meio da noite, será dia,
será um sol seduzido pela escuridão lúrida?

28/3/2014

SAVE ME FROM CURIOUS CONSCIENCE

Nunca me foi dado escrever um soneto
nos simulacros de sonetos que escrevi,
apenas povoei dezenas de páginas
com esquemas e rimas que me faziam sorrir
por sentir que o tempo não era meu,
nem nenhum passado sobrevive ao que passa.

Busquei, da consciência ferida, abrir
ao alcance uma outra consciência desperta
em afazeres que pretendiam esquecer
o sofrimento de um quotidiano,
sílaba a sílaba inventei o que inventava,
simulações de uma urgência iconoclasta.

Era fácil transcrever para a língua
uma terapia que absorvesse no seu fazer
a praxis de uma desenvoltura porética,
era difícil, senão impossível, encontrar
um sentido que pudesse concatenar
a dor que fora com o que estava a ser.

Juntei palavras como quem escreve
num quadro mítico equações de sistemas
mais ou menos matemáticos, ouvia
nos sons que rimavam um gargalhar
de alegrias perdidas, selvagens desapareços
do que me inundava de desconhecido.

O importante era estar entretido.
Encontrar geometrias em espaços diluídos
em papéis que nada tinham de imemoriais,
a história nunca foi contemporânea,
a vida nunca saberá ser história
nem memória do que foi e do que será.

E cada abuso da gramática era um passo
determinado a salvar-se do degrado,
a doença acudia-me em seus braços dévios
como se fosse possível na adversidade
atingir-se o cúmulo da genialidade.
Ficou do que ficou segredos inconfessáveis.

Erotismos de silogismos onde os solecismos
imperavam como um fracasso da lei,
ousei desenvolver na ignorância da época
manifestações do nada, singultos
abeirando-se de soluços como se o tempo
pudesse mesmo assim ser alcançado.

Ou devolvido, atónito, ao presente
como um presente do passado que tinha sido.
Experiências terríveis de experiências
que se intuía como arquejos desmedidos
da explosão aracnídea dos factos,
facécias de ilusões no deleite das ofertas.

Escapar por um triz não é escapar.
É deixar esse triz na passagem do tempo
que perpassa existencialmente pelo corpo
como se ser nada mais fosse que sentir
um espinho num algures sem consciência,
afasia e alalia na morfologia do fenómeno.

Sinto tantas vezes, desprovido de memória,
o arremesso de algo que se adivinha
na obsoleta histrionia de um *algos* mais
ou menos grego, quem compreenderá
o incompreensível que se insinua
como uma membrana de uma outra história?

Passou, passou, e nada, por ser nada, passou!
Só o em volta ou o em redor se afasta
ou se aproxima, distâncias são larvares ânsias
fazendo das percepções gastas sensações,
maneiras de se estar no decorrer
do que se pensa que é vida e é morte.

Sulquei sonetos de mares empobrecidos
pela imaginação embrionária, emolientes
desprezos pela realidade, tentativas
muitas vezes religiosas dos que obedecem
a uma alma protegida pela escuridão.
A pureza viveu sempre do lusco-fusco.

Importa? Keats escreveu o seu melhor
soneto em prosa, e numa carta aos irmãos.
Ei-lo: "I had not a dispute but a disquisition
with Dilke, upon various subjects;
several things dove-tailed in my mind,
and at once it struck me what quality

went to form a Man of Achievement,
especially in Literature, and which
Shakespeare possessed so enormously
- I mean Negative Capability, that is,
when a man is capable of being
in uncertainties, mysteries, doubts,

without any irritable reaching after
fact and reason – Coleridge, for instance,
would let go by a fine isolated verisimilitude
caught from the Penetralium of mystery,
from being incapable of remaining
content with half-knowledge".

Keats nunca teria pensado que o futuro
que nos é presente desprezaria a beleza
e a verdade, concentrando-se apenas
nessa ideia de uma incerteza e dúvida
que nem mereceu o espaço de um livro.
A poesia pode irromper em qualquer parte.

Não, direi eu no acme de um breve mistério,
não me salves da consciência curiosa.
Sofrer e gozar sempre foi a incongruência
de uma estadia humana, gozemos
agora uma hora de prazer, escrever um ser
sem que haja a certeza de o haver.

Nada do que rima rima com a verdade.
Quem acaba de dizer tal disparate?
São tantas as verdades e as certezas,
tantas as displicências da sorte e do acaso,
para quê introduzir no que é um acervo
de saberes os cacos que se amontoam de ecos?

O universo anda disperso pela nulidade
dos pensamentos vigentes, as ciências
perscrutam o negócio, o negócio, odiando
o ócio, só pretende ganhar. O quê? Ganhar.
Não importa o quê ou como. Ganhar,
ganhar. A capacidade é bem negativa.

Intrometem-se os zelos das opiniões
contemporâneas, o mundo vai ser ou já é
assim, o futuro espera do presente
um presente tuitivo, os deuses mitológicos
nunca estiveram mortos. A morte
nunca foi uma economia aceitável.

Ainda não é meia-noite e já a similitude
do sono desce como uma chuva húmida
sobre as janelas destemperadas.
O tempo pode ser tantas coisas
em tantas línguas que é inútil falar
do tempo que faz. A primavera chegou.

A sua promessa arrefece na desilusão
das populações vizinhas, as pessoas pasmam
na incerteza do seu futuro, o que dirão,
ou diriam, se soubessem, da acuidade
que Keats pôs na sua “negative capability”?
Que os poetas não servem para nada.

E teriam razão. Nenhuma religião pode ser
ou subsistir disfarçada em arte.
Só a arte do poder consegue dizer
que tudo está bem no mal que processa.
A vida das gentes é tão diferente de outrora,
dizem, convictas, as vozes camufladas.

A trompa eleva-se das cordas e deixa cair
no ar reverberações quase escatológicas,
mas o fim nunca será do mundo,
e muito menos da terra. O sol, dizem,
espera-a pacientemente, mas o seu embate
não será mais do que uma explosão cósmica.

1/4/2014

EPILOGUE

Desaparece, aparentemente conluída,
a voz do tenor. As cordas que acompanharam
como pano de fundo emudeceram cumpridas.
Resta a trompa transportando em si um som
que se evade numa aptidão incompreensível.
O fim terá sempre que ser solitário?

Um breve momento alongando-se frágil
como se uma conclusão pudesse ser
alguma vez conclusiva. Pode ser.
Poder ser é a transformação da ubiquidade
no uníloquo. Música de uma música
o som transparece no seu movimento.

Ouvi-lo como uma prática e um decalque,
pegada após pegada pedindo uns pés
para afundar a presença desse caminho
que ousou trazer uma sensibilidade perspícua.
Não se pode fazer o que já está feito
e se oferece como um dom da amizade.

Passa esse sinal da trompa fora do palco
em que eclodiu o seu aparecimento,
agora é no mundo que vibra de realidade
que se espalha a brevidade de um intuito.
Sentir, mesmo se sem sentimento.
Sentir a sucessão dos instantes adictos.

Sentir a sensação de uma presença
em quem se é, o abraço de quem instituiu
uma possibilidade de vida à vida
de todos aqueles que persistem em viver.
Não é fácil merecer dos dias a dor
ou o prazer, é difícil conceber o amor.

Mas ele existe metamorfoseado em devaneios
de acontecimentos periclitantes e dúbios,
alguém escreveu essa música
no limite das suas limitações humanas,
alguém quis fazer-se ouvir no que houve
de uma experiência ainda estética.

A estesia é uma palavra antiquíssima.
O passado passa assim como se o que foi
fosse ainda actual, habitável, musical,
compartilhável. Ouço maravilhado o som
da trompa que nunca será final,
os paradoxos nem sempre se contradizem.

Ouvido esse minuto e meio da passagem
que foi vivida na suspeita de um próximo fim,
o clímax da agonia desvanece-se
em silêncio surdo, que se passou no acerto
da consciência dividida entre um feito
e o efeito dessa intraduzível peça de música?

A ignorância é um saber em potência.
Está aberta ao ser numa deiscência
que pede alimento e experiências urdidas
das mais misteriosas e enigmáticas vozes.
Não têm que ser de tenores inspirados
nem acompanhadas de cordas sibilinas.

Cabe a quem ouve no que houve e há
de harmonia e melodia o desejo
de ser ouvido por quem de si espera
que possa advir um facto indesmentível.
O saber não precisa de ser uma técnica
ou uma ciência, basta-lhe a sabedoria.

O mundo pretende que o tomem como mundo,
para quê permitir-lhe esse hediondo crime?
Homens e mulheres e crianças habitam
o planeta como se a terra não fosse redonda,
a terra é redonda e gira nas esferas
de uma música que será sempre imperceptível.

Não deixemos aos assassinos incrédulos
a oportunidade de um domínio.
Ganhar é quase sempre perder. Persiste
contudo, a outro olhar da inteligência,
a pergunta: Será possível, ainda hoje,
fazer-se, à vida conturbada, uma serenata?

2/4/2014